

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS/PORTUGUÊS

GÊNEROS E LEITURAS

3º Semestre



Ministério
da Educação



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad

Ministro do Estado da Educação

Ronaldo Mota

Secretário de Educação Superior

Carlos Eduardo Bielschowsky

Secretário da Educação a Distância

Universidade Federal de Santa Maria

Clóvis Silva Lima

Reitor

Felipe Martins Muller

Vice-Reitor

João Manoel Espina Rossés

Chefe de Gabinete do Reitor

André Luis Kieling Ries

Pró-Reitor de Administração

José Francisco Silva Dias

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

João Rodolfo Amaral Flores

Pró-Reitor de Extensão

Jorge Luiz da Cunha

Pró-Reitor de Graduação

Charles Jacques Prade

Pró-Reitor de Planejamento

Helio Leães Hey

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

João Pillar Pacheco de Campos

Pró-Reitor de Recursos Humanos

Fernando Bordin da Rocha

Diretor do CPD

Coordenação de Educação a Distância

Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso

Coordenadora de EaD

Roseclea Duarte Medina

Vice-Coordenadora de EaD

Roberto Cassol

Coordenador de Pólos

José Orion Martins Ribeiro

Gestão Financeira

Centro de Artes e Letras

Edemur Casanova

Diretor do Centro Artes e Letras

Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Coordenadora do Curso de Graduação em
Letras/Português a Distância

Elaboração do Conteúdo

Nara Augustin Gehrke

Professora pesquisadora/conteudista

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Carlos Gustavo Matins Hoelzel

Coordenador da Equipe Multidisciplinar

Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso

Rosiclei Aparecida Cavichioli Laudermann

Silvia Helena Lovato do Nascimento

Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

André Krusser Dalmazzo

Edgardo Gustavo Fernández

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

Desenvolvimento da Plataforma

Ligia Motta Reis

Gestão Administrativa

Flávia Cirolini Weber

Gestão do Design

Evandro Bertol

Designer

ETIC - Bolsistas e Colaboradores

Orientação Pedagógica

Elias Bortolotto

Fabrcio Viero de Araujo

Gilse A. Morgental Falkembach

Leila Maria Araújo Santos

Revisão de Português

Enéias Tavares

Rejane Arce Vargas

Rosaura Albuquerque Leão

Silvia Helena Lovato do Nascimento

Ilustração e Diagramação

Evandro Bertol

Flávia Cirolini Weber

Helena Ruiz de Souza

Lucia Cristina Mazetti Palmeiro

Ricardo Antunes Machado

Suporte Técnico

Adílson Heck

Cleber Righi

APRESENTAÇÃO



A disciplina de *Gêneros e Leitura* apresenta conteúdos sistematizados a partir do estudos com gêneros discursivos e de estudos sobre argumentação e linguagem. Disciplina importante na formação de um leitor proficiente e crítico, ao final dela, você deverá ser capaz de demonstrar domínio sobre práticas de leitura de diferentes gêneros, revelando criticidade diante da relação entre linguagem e leitura do mundo e entre mecanismos da língua e a construção dos sentidos do texto.

A leitura hoje desempenha um papel importante na formação pessoal e profissional. A nossa volta, temos uma infinidade de meios (livros, jornais, televisão, Internet, etc.) que nos disponibilizam as informações. Porém, se o acesso à informação está facilitado, a formação de bons leitores não está garantida.

Essa formação é um processo complexo no qual intervêm conhecimentos e habilidades cognitivas, linguísticas (conhecimento da língua) e discursivas (linguagem como prática social). Esta disciplina, integrando o percurso de formação de leitor no qual você, como estudante de Letras, está inserido, é uma ferramenta a ser dominada para aumentar sua qualidade de leitura.

A carga horária de 60 horas está distribuída em três unidades, desenvolvidas com a seguinte dinâmica:

- Unidade A: estudo dos conceitos fundamentais para a abordagem de gêneros discursivos e para a compreensão da textualidade e da dimensão social da linguagem inserida em práticas mediatizadas por gêneros discursivos;
- Unidade B: ênfase na argumentação como atividade constitutiva da língua(gem) e construída por ela, estudando-se a contribuição das modalidades verbais e não-verbais na argumentatividade, principalmente em gêneros com o humor crítico, além de um trabalho de (re) conhecimento dos modos e estruturas básicas de organização textual aplicado a gêneros de base dissertativo-argumentativa;
- Unidade C: destaque para as marcas lingüísticas da argumentação, enfatizando-se os operadores argumentativos, os modalizadores e os índices avaliativos dentro da perspectiva de que a argumentação é construída pelo uso (consciente) dos recursos lingüísticos.

As atividades para a avaliação e acompanhamento de seu desempenho estão disponibilizadas no ambiente, segundo o cronograma apresentado na semana inicial do curso. Nessas atividades, estão previstos fóruns, listas de discussões, práticas diversas de leitura (capas de revista, sinopses de novelas, editoriais, charges, cartas de leitor, publicidade, quadrinhos, etc.) e prova presencial.

O que organizamos para você nesta disciplina pretende ser, assim como o pai para o menino no texto de Eduardo Galeano transcrito a seguir, um referencial que lhe auxilie a, criticamente, apreciar a leitura de mundo que nos é oferecida nos diversos gêneros que lemos.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Ele, o mar estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: -- Me ajuda a olhar!

Uma última observação: Você reparou no nosso assistente no alto da primeira tela? Ele será nosso companheiro ao longo desta disciplina. Ele já é “um cobra” em leitura, por isso foi escolhido para nos acompanhar no trajeto que estamos iniciando. Ele irá aparecer em lugares estratégicos, por isso preste bastante atenção no que está na tela quando isso acontecer.

UNIDADE A – LINGUAGEM, TEXTO E DISCURSO

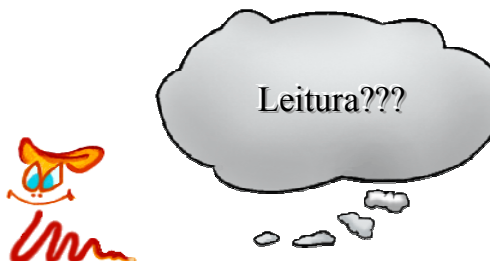
OBJETIVOS

- Identificar as funções da linguagem e sua contribuição na formulação de conceitos centrais na teoria dos gêneros discursivos.
- Aplicar o conceito de contexto, relacionando esse conceito com os princípios fundamentais para a teoria dos gêneros discursivos.
- Identificar os fatores de textualidade, aplicando-os na análise da textualização.
- Reconhecer os diferentes gêneros discursivos e as práticas sociais que os constituem, a partir dos seus princípios básicos definidores;
- Realizar práticas de leitura de gêneros midiáticos.

INTRODUÇÃO

Dando início a essa unidade, destacamos dois autores fundamentais, Jakobson e Halliday, para sistematizarmos nossas reflexões sobre contexto. Inicialmente, estudamos o já clássico esquema da comunicação para, a partir dele, entendermos os conceitos de funções da linguagem de Jakobson e metafunções formulados no interior de estudos com a perspectiva discursiva de Halliday. A seguir, centramos nossa atenção em responder à pergunta: O que faz um texto ser um texto? E concluímos essa unidade com a conceituação de *gêneros discursivos* – conceito basilar nos estudos atuais com textos – aplicando os conhecimentos teóricos na análise de alguns gêneros.

Antes de iniciarmos propriamente o conteúdo, é necessário refletir sobre o que está envolvido no processo da leitura, pois, para qualificar nossas práticas de leitura, nada melhor do que nos voltarmos para nosso próprio fazer enquanto leitores. Vamos conhecer um pouco desse processo?



Nosso assistente quer saber o que é leitura. E você já parou para pensar nas operações realizadas durante o ato de ler? O que fazemos quando lemos?

Ao ler, mobilizamos uma série de competências e habilidades, muitas das quais concomitantemente. Veja algumas delas, desde a mais elementar (a) até a habilidade mais desenvolvida (i), que demanda maior maturidade cognitiva:

- a) decodificar palavras, isto é, identificar individualmente as palavras e recuperar na memória seu significado;
- b) identificar a estrutura gramatical das frases. Por exemplo, frases como *O leão matou o homem. / O homem matou o leão. / O leão, o homem o matou. Mataram os homens o leão. / Matou os homens o leão* demandam, para sua compreensão, que o leitor conheça a posição de sujeito e objeto, a retomada do objeto direto através de pronome, as regras de concordância (noções gramaticais, de sintaxe);
- c) aplicar regras semânticas elementares, isto é, interpretar frases como “*A pedra chutou o menino com força*”, na qual o leitor associa o verbo chutar a menino já que pedras não chutam, isto é, pedra não tem o traço semântico ‘ser animado’ exigido para se realizar a ação indicada pelo verbo chutar;
- d) trazer para a leitura a bagagem de experiência pessoal e o conhecimento de mundo, por exemplo, na leitura da sequência “*Ana prepara o enxoval rosa com carinho. A criança será recebida como uma princesa.*”, o leitor estabelece a coerência entre retomar criança por princesa ao recorrer ao conhecimento prévio de que enxoval rosa geralmente é de menina;
- e) fazer inferências sobre o que está sendo declarado, para aceitar como coerente, por exemplo, a sequência “*Marcelo despediu a secretária. Ele detesta falta de pontualidade*”. Se consideradas em separado, as duas frases parecem não ter relação, porém o leitor infere que o motivo da demissão é o fato de a secretária não ser pontual;

- f) identificar as ideias principais e as secundárias, recuperando pistas deixadas no texto que denunciam a hierarquia das ideias, a mais importante (tese), as que servem de apoio (argumentos), etc;
- g) estabelecer as relações de sentido entre as ideias, reconhecendo causas/consequências, condições, oposições, etc;
- h) usar conhecimentos sobre as convenções da escrita e dos gêneros discursivos, por exemplo, ao encontrar um vocativo como “Prezado Senhor Gerente”, o leitor recorre a seus esquemas de textos e reconhece tratar-se de uma carta comercial;
- i) fazer inferências sobre a função do texto ou as intenções do autor e o seu ponto de vista; por exemplo, lendo, num para-choque de caminhão, a seguinte inscrição “*Se correr, a polícia prende. Se parar, o banco toma.*”, o leitor estabelece relações entre quem a produziu (um caminhoneiro, possivelmente preocupado com sua condição financeira) e a sua intenção (fazer uma crítica social) e assim por diante.

Comentário → A leitura de um texto, além de ser uma prática, é um processo que demanda variadas competências. Atentar para elas é importante porque podemos (re)orientar nosso percurso de leitor quando surgem as dificuldades.

1 Funções da Linguagem e Contexto

1.1 Funções da Linguagem: Abordagem Comunicativa

Na concepção comunicativa da linguagem, *funções da linguagem* são recursos de ênfase que atuam segundo a intenção do produtor da mensagem, cada qual abordando diferentes elementos da comunicação, apresentados na Figura 1.

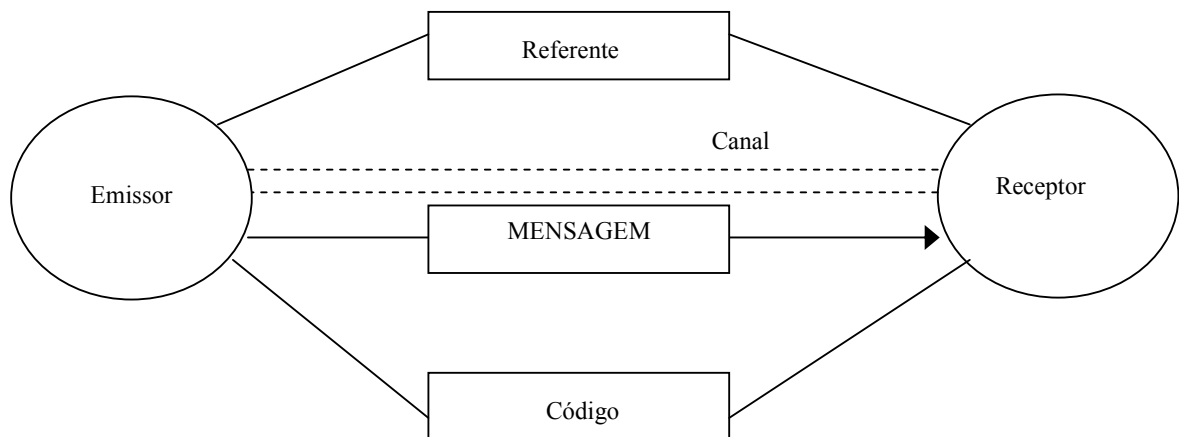


Figura 1 – Elementos da comunicação

a) *Emissor ou destinatador*: aquele que emite a mensagem – indivíduo ou grupo.

b) *Receptor ou destinatário*: aquele a quem a mensagem é endereçada – indivíduo ou grupo.

c) *Mensagem*: constituída pelo conteúdo das informações transmitidas.

d) *Canal da comunicação*: via de circulação das mensagens.

Pode se constituir de:

- meios sonoros: voz, ondas sonoras, ouvido...
- meios visuais: excitação luminosa, percepção da retina...

De acordo com o canal utilizado, pode-se classificar as mensagens em:

- mensagens visuais, que recorrem à imagem (icônicas: desenhos, fotografias) ou aos símbolos (simbólicas: escrita ortográfica).
- mensagens sonoras: palavras, músicas, sons diversos.
- mensagens tácteis: pressões, toques, trepidações, etc.
- mensagens olfativas: perfumes, por exemplo.
- mensagens gustativas: tempero apimentado ou não...

e) *Código*: conjunto de signos e regras de combinação destes signos. Por meio do código, o emissor elabora sua mensagem; o destinatário identificará esse sistema de signos (decodificação) se o seu repertório for comum ao do emissor.

f) *Referente*: constituído pelo contexto, pela situação e pelos objetos reais aos quais a mensagem remete.

Comentário → Nesse esquema da comunicação, mensagem deve ser entendida como a organização, a expressão linguística do conteúdo, o texto propriamente dito, e não o que o texto significa (Qual a mensagem do texto?, comum em muitos livros didáticos).

Partindo desses seis elementos, Roman Jakobson, linguista russo, no livro *Linguística e Comunicação*, propôs um modelo acerca das funções da linguagem, que também são seis (Figura 2).

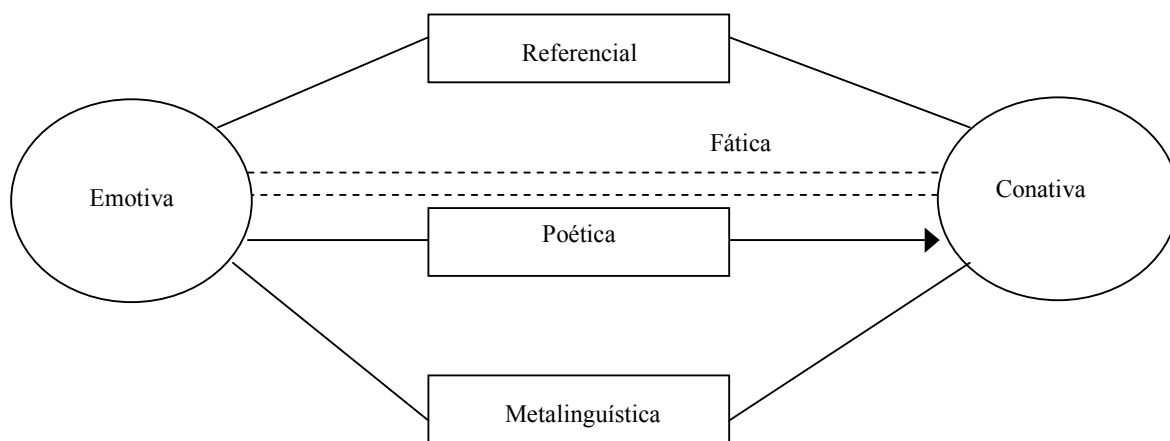


Figura 2 – Funções da linguagem (conforme Jakobson, 1970)

Perceba que a cada um dos seis elementos que compõem o esquema da comunicação corresponde uma função linguística.



a) *Função expressiva ou emotiva* - centrada no emissor da mensagem (EU). A mensagem centra-se nas opiniões, nos sentimentos e nas emoções do emissor. O destaque ao locutor é indicado pelo emprego da 1ª pessoa do singular, tanto das formas verbais, quanto dos pronomes. A presença de interjeições, reticências e pontos de exclamação também evidenciam a função emotiva da linguagem. Os gêneros textuais que exemplificam melhor essa função são as autobiografias, as memórias, a poesia lírica e as cartas de amor. Nos jornais e nas revistas, a carta do leitor, isto é, um texto que os leitores enviam para a redação desses meios de comunicação com o objetivo de mostrar sua opinião frente a um tema de relevância social ou de elogiar/criticar o jornal ou a revista, é outro exemplo de texto (gênero) onde predomina a função emotiva.

b) *Função conativa ou apelativa* – centrada no receptor da mensagem (TU /VOCÊ). A linguagem organiza-se de forma a influenciá-lo, ou chamar sua atenção. O uso de formas verbais e pronomes na 2ª pessoa do discurso, vocativos e expressões no imperativo revelam que o emissor está se dirigindo ao receptor. Essa função é a mais persuasiva de todas; por isso, destaca-se em textos publicitários, discursos políticos, horóscopos, textos de autoajuda, etc.

c) *Função referencial ou denotativa* – centrada no referente (ELE), no assunto (contexto relacionado a emissor e receptor). A ênfase é dada ao conteúdo, ou seja, às informações. Geralmente, usa-se a 3ª pessoa do singular. Os gêneros textuais que se utilizam dessa função da linguagem são os que se inserem no contexto jornalístico (como reportagem, notícia, etc.), científico (como monografia, artigo acadêmico, *abstract*, etc.) e outros de cunho apenas informativo (como bula de remédio, receita culinária, manual de instalação, etc.).

Vejam agora uma aplicação dessas três funções através da leitura atenta da Carta de Leitor apresentada a seguir.

Maioridade Penal aos 16?

Numa novela exibida em horário nobre, cenas de violência protagonizadas por jovens de classe média têm chamado atenção para um tema que, **a nosso ver**, precisa ser trazido ao debate: os menores de 16 anos devem ser punidos legalmente pelos seus atos? O assunto é, sem dúvida, polêmico: adolescentes com 16 anos de idade devem ser submetidos à Justiça por crimes cometidos ou por qualquer tipo de desacato às leis nacionais? **Sim! Ora**, a criminalidade não significa simplesmente desacato à Constituição, à moral, à ética. **Criminalidade significa, antes de qualquer outra coisa, violação da integridade alheia.** Aos 16 anos, e até mesmo antes dessa idade, o adolescente já apresenta consciência do espaço social que ocupa e maturidade suficiente para entender como funciona esse espaço e quais seus limites. Aos 16 anos, o adolescente posiciona-se seguramente diante dos apelos de consumo, elege e destrói ídolos, influencia e forma opiniões, gostos e hábitos. Elabora conceitos e preconceitos, escolhe parceiros, amigos, marcas ___ e vítimas. A imprensa frequentemente **nos** informa o quanto a criminalidade tem crescido entre os

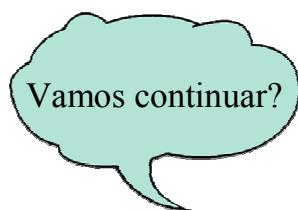
adolescentes. São inúmeros os casos ___ e chocantes! Eles roubam, matam, violentam com o desempenho de um adulto, porque, para isso, o são! Então, por que não os julgar como tal? **Precisamos nos convencer de que a criminalidade cresce na mesma proporção que a impunidade.** A impunidade gera mais violência. E proteger este adolescente é adiar o possível resgate de sua cidadania.

Analisando a carta através das funções da linguagem, verificamos que a função emotiva está manifestada através do pronome nós, marca da primeira pessoa do plural. Quem escreve a carta quer manifestar sua opinião sobre o tema polêmico e para isso deixa marcas bem evidentes de sua posição. Os elementos negritados provam isso. Pelo texto se apresenta uma definição bem pessoal do que é entendido por criminalidade. A escolha de “vítimas” e “chocantes” deixa bem clara a gravidade do problema. A escolha dos verbos roubar, matar, violentar como ações praticadas pelos jovens cria uma imagem muito negativa dos infratores. Assim, o autor evidencia a tese que defende, ele é favorável à maioria legal aos 16 anos. Essa é a sua posição, que ele quer compartilhar com os outros leitores.

Com esse último aspecto, fica evidente uma segunda função da linguagem: na carta do leitor, o emissor quer que o receptor compartilhe a sua tese, ou pelos menos, aceite suas ideias. Essa é a dimensão do TU, da função conativa da linguagem. Observe o emprego da pontuação, das perguntas lançadas (que buscam envolver o leitor na discussão). A própria escolha de nós (EU + TU) é outra evidência de que se está buscando a adesão do leitor. O pronome nós serve a dois propósitos aqui: manifestar a opinião do EU e incluir o TU na discussão.

O autor da carta traz argumentos para convencer os leitores. Isso mostra a preocupação com o interlocutor/receptor do texto.

A terceira função, que é a base de todas as outras, centra-se no referente: aquilo SOBRE o que se fala. Na carta em análise, o próprio título indica o referente – a maioria legal aos 16 anos. O ponto de interrogação serve a dois propósitos: evidenciar que é uma discussão em aberto e envolver, incluir, convidar o leitor para a discussão.



d) *Função fática* – centrada no canal que dá suporte à mensagem, no contato (físico ou psicológico). Essa função diz respeito a tudo que serve para estabelecer, manter ou cortar o contato (a comunicação). O interesse do emissor é emitir e simplesmente testar ou chamar a atenção para o canal, isto é, verificar a "ponte" de comunicação e certificar-se sobre o contato estabelecido. Termos como *alô, oi, psiu* são geralmente usados para estabelecer contato; *né?, certo?, ahã* visam a prolongar o contato; *tchau, beijo* são usados para cortar o contato.

e) *Função metalinguística* – centrada no código. É dado destaque à matéria construtiva da mensagem, usando-se o código para falar dele mesmo. Exemplos desse tipo de função são os dicionários, as gramáticas, os textos que analisam textos, poemas que abordam o assunto da poesia, quadros que retratam o pintor exercendo sua própria profissão. Tudo o que, numa mensagem, serve para dar explicações ou precisar o código utilizado pelo emissor concerne a essa função.

Vamos ver como se pode explorar essa função numa tirinha?

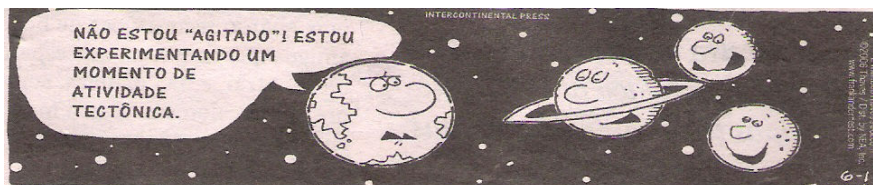


Figura 3 – Metalinguagem e Humor

Observe, no quadrinho, como o planeta Terra se explica: ele nega estar agitado, que é uma palavra do senso comum, que usamos frequentemente para nos referirmos a alguém nervoso, com bastante atividade física. O sisudo planeta corrige seus colegas (re)definindo sua agitação como um “um momento de atividade tectônica”. Essa linguagem é mais formal, ele emprega um vocabulário da área científica, técnico. Isto é, o humor vem justamente da linguagem que fala da linguagem, o planeta usa dois registros de linguagem para se referir ao mesmo estado. Aqui, está se explorando a função metalinguística.

f) *Função poética* – centrada na própria mensagem, chamando a atenção para o modo como a mensagem foi organizada. Preocupa-se mais em "como dizer" do que com "o que dizer". O foco recai sobre o arranjo e a estética da mensagem, valorizando as palavras e suas combinações, através do jogo de sua estrutura, de sua tonalidade, de seu ritmo, de sua sonoridade. São características as figuras de linguagem e as brincadeiras com o código. Essa função predomina na poesia, mas pode aparecer também em textos publicitários e políticos, provérbios, ditos populares e na linguagem cotidiana.

Acompanhe como um anônimo pichador de muro explora essa função da linguagem, produzindo o texto abaixo:

amar é ter na mente

éter na mente

eternamente

Atenção!!! As seis funções de Jakobson, desenvolvidas nas décadas de 60 e 70, são a referência para estudos mais recentes, como o que segue.

1.2 Metafunções da Linguagem: Abordagem Funcional

Segundo Halliday¹, “foram os usos linguísticos que, ao longo de milhares de gerações, deram forma ao sistema. A linguagem desenvolveu-se para satisfazer necessidades humanas; e o modo como está organizada é funcional relativamente a essas necessidades”.

Para esse autor, as funções da linguagem são componentes abstratos do sistema linguístico, funções generalizadas que se constituem na linguagem e formam a base da organização de todo o sistema linguístico. Para diferenciar do modelo proposto por Jakobson (1970), Halliday as denomina de *metafunções da linguagem*. Com base na noção de contexto (ver item 2, a seguir), a linguagem desempenha, simultaneamente, três metafunções: ideacional, interpessoal e textual.

a) Metafunção ideacional: diz respeito não só à maneira como representamos nossas experiências no mundo por meio da linguagem, como também às relações lógicas estabelecidas entre essas experiências. A base de análise experiencial é o sistema de transitividade, que especifica os tipos diferentes de processos reconhecidos na língua e as estruturas pelas quais eles se expressam. Por exemplo: uma receita culinária é tipicamente constituída de orações que realizam processos materiais (mexer, bater, cortar, assar, etc.); as relações lógicas mais frequentes nesse gênero textual é a adição (e, além disso) e a temporalidade (quando, depois que, ao mesmo tempo em que).

b) Metafunção interpessoal: consiste no estabelecimento de relação e troca entre os participantes da interação (locutor e interlocutor). Essa metafunção se materializa linguisticamente por meio do sistema de modo (orações afirmativas, negativas, imperativas, interrogativas, exclamativas) e modalidade (possibilidade, dúvida, certeza, obrigação). De certa forma, Halliday (1989), ao propor essa metafunção, põe em destaque à relação entre o emissor e o receptor numa perspectiva que vai além do ato de comunicar: o foco é a interação entre locutor e interlocutor, que usam a linguagem para negociar informações e atividades. Por exemplo: estruturas como “Você tem horas?” (modo interrogativo) ou “Gostaria de saber as horas.” (modo declarativo) servem para pedir informação. Já estruturas como “Feche a janela, por favor.” (modo imperativo) ou “Você poderia fechar a janela?” (modo interrogativo) servem para pedir a realização de uma ação.

c) Metafunção textual: diz respeito à organização da mensagem, refere-se aos sistemas de informação e à estrutura temática, especificando as relações dentro do próprio enunciado ou entre o enunciado e a situação. Assim, são determinadas as formas de empregar sinônimos, pronomes ou nominalizações para retomar um referente no texto; escolher voz ativa ou passiva; selecionar quais palavras para manter a continuidade léxico-lógica (repetição), entre outras decisões tomadas pelo produtor do texto.

¹ M. K. Halliday é um importante estudioso, mentor da Gramática Sistêmico-Funcional. Seus estudos auxiliaram a incorporar, nos estudos gramaticais do inglês, noções como contexto, cultura, funções da linguagem, texto, discurso. Atualmente, a Austrália reformou seu sistema de ensino implantando muitas das ideias de Halliday e seus seguidores.



Comentário → Nessa metafunção, observa-se a relevância de, em terminado contexto, por exemplo, uma estrutura como “Um aluno me deu esta rosa” ou “Esta rosa eu ganhei”. O ponto de partida da mensagem (o Tema), no primeiro caso, é “Um aluno”; no segundo, é “Esta rosa”. Escolher iniciar o enunciado por um ou outro Tema, muitas vezes, depende do fluxo informacional da interação. A primeira estrutura (“Um aluno me deu esta rosa”) seria uma resposta conveniente para uma pergunta como “Quem lhe deu esta rosa?”. Já a segunda estrutura (“Esta rosa foi o que ganhei”) poderia fazer parte da resposta a uma pergunta como “O que você ganhou no dia do professor?”.

Saiba mais: Os textos de Halliday ainda não estão traduzidos para o Português, embora sua teoria esteja sendo usada em muitos trabalhos que descrevem o funcionamento da Língua Portuguesa. O livro *Fundamentos de Gramática do Português*, de José Carlos Azeredo, nas páginas 22 e 23, apresenta uma síntese das três funções estudadas por Halliday.

1.3 Contexto

Para Halliday (1989)

toda linguagem funciona em contextos de situação e pode vincular-se a esses contextos. A questão não consiste em saber quais peculiaridades de vocabulário, de gramática ou de pronúncia podem considerar-se diretamente por referência à situação; a questão é que tipos de fator de situação determinam quais tipos de seleção do sistema linguístico.

Todos os textos ocorrem dentro de dois contextos – o de situação e o de cultura.

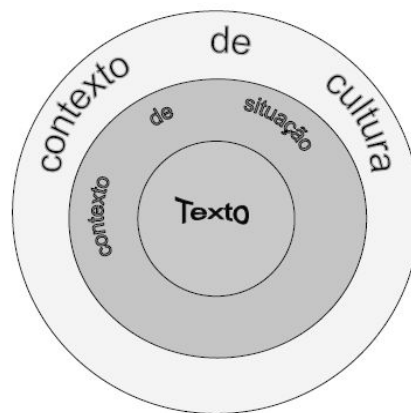


Figura 4 – Contexto de cultura, contexto de situação e texto

Vamos conhecer um pouco da origem desses dois conceitos?

A noção de contexto foi introduzida por Malinowski, em 1923, a partir de seus estudos sobre as interações em grupos nativos. Em suas observações, o antropólogo

polonês concluiu que o significado de uma palavra em uma língua primitiva (entendida como aquela que não é escrita) depende muito do contexto em que é usada. Para se referir ao “ambiente do texto”, Malinowski cunhou o termo “*contexto de situação*”. O contexto situacional inclui atividades em que as pessoas estão engajadas, a natureza da interação com outras pessoas e o canal em que a comunicação se realiza. Nessa perspectiva, a linguagem é pragmática, ou seja, é ação. Sem o conhecimento do que está acontecendo no momento da interação, seria impossível compreender-se a mensagem, acreditava o antropólogo.

Entretanto, ao longo de suas investigações, Malinowski constatou que o conhecimento sobre o contexto de situação não é suficiente para se compreender adequadamente um texto. É preciso fornecer também informações acerca da história cultural dos participantes e dos tipos de práticas em que estão engajados. Assim, ele cunhou o termo “*contexto de cultura*”, como outra noção que, associada ao contexto de situação, é fundamental para a compreensão de um texto. O contexto de cultura refere-se não só a práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas em grupos sociais (como a escola, a família, a igreja, a justiça, etc.).



Atenção!!! Guarde bem esses dois conceitos → *Contexto de situação* define-se como o contexto imediato em que o texto está funcionando e, por conseguinte, a instanciação do *contexto de cultura*. Essa noção tem sido utilizada para explicar por que certas coisas foram ditas ou escritas em uma ocasião particular, e o que deveria ter sido dito ou escrito, mas não foi.

Para exemplificar a análise do contexto, consideremos o Texto 1.

RBS TV, 17h30min

Rafa mente para Giovana e diz que todos se esqueceram de seu aniversário para que ela sinta pena e se aproxime dele. Raquel acredita nas mentiras de Roberta e pede que Marcela se mude. Manuela convence Marcela a ajudá-la a desmascarar Roberta.

Diário de Santa Maria, 19/05/06

- 1) *Que atividade social está sendo desenvolvida?* Divulgar antecipadamente ao público cenas do capítulo da novela que poderão ser exibidas no mesmo dia (quando o veículo é o jornal) ou durante a semana (quando o veículo é revista) em emissoras de TV.
- 2) *Para quê (qual o objetivo da interação)?* Sanar/incitar a curiosidade do telespectador acerca do enredo da telenovela.
- 3) *Quem participa da interação?* Integrantes da Produção de novelas de diferentes emissoras; leitores de jornal/revistas.
- 4) *Quais as relações entre os participantes?* Distância social máxima (enunciador não conhece os leitores).
- 5) *Que canais e meios são usados?* Canal gráfico, meio escrito.

6) *Como o texto está organizado em função dos objetivos comunicativos?* Em cada período, o ponto de partida da mensagem (Tema) é uma personagem; e a ela se atribui um dito, um sentimento ou uma crença, que é o Rema. A informação numa oração se distribui em Tema e Rema. Simplificadamente, o Tema é sobre o que se fala, geralmente vem no início da oração, e o Rema é o restante.

Obs.: Os termos Tema e Rema são distintos de Sujeito e Predicado. Estes são termos usados na gramática de base sintática; aqueles são termos usados para tratar da organização da informação como mensagem.

QUESTÃO PARA FÓRUM:

As variáveis contextuais do Texto 1 podem ser válidas para outros textos desse mesmo gênero? Faça um teste: selecione, pelo menos, três resumos de novela da atualidade e aplique as perguntas acima. Verifique quais aspectos são recorrentes (se repetem) e quais diversificam. Apresente suas conclusões no Fórum “Análise do contexto e gêneros discursivos”.

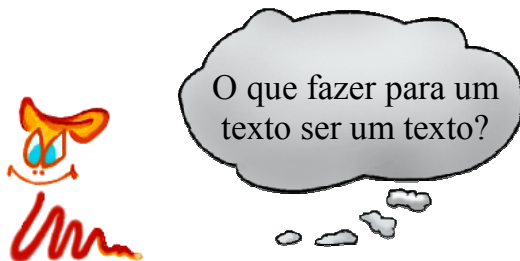
2 Fatores (Critérios) de Textualidade

Estudado o que é o contexto e sua importância para a análise dos gêneros discursivos, passamos a discutir um conceito igualmente relevante para a leitura: O que é um texto?

Em *Texto e Coerência*, Koch e Travaglia (1989) definem texto como “uma unidade linguística (...), que é tomada pelos usuários da língua (...), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.”

Uma unidade linguística constitui um texto e não um amontoado de palavras e frases, quando apresenta uma unidade global de sentido, quando forma um todo significativo, independente de sua extensão. Vamos ver o que torna uma sequência como *Silêncio!* um texto?

Bem, essa sequência será tomada como um texto se proferida num contexto em que um professor, diante da bagunça generalizada em sua sala de aula, solicita que os alunos se calem. Essa mesma sequência em uma placa, num hospital, igualmente será reconhecida como um texto. Já numa placa, em uma estrada movimentada, tende a ser um não-texto, a não fazer sentido, isto é, nesse contexto, ela não preenche nenhuma função comunicativa.



Nos estudos da Linguística de Texto, parte da ciência da linguagem ocupada em responder à pergunta acima, formularam-se critérios (ou fatores) para auxiliar a caracterizar a textualidade, isto é, a característica básica, o que faz um texto ser um texto. Esses critérios são: a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a intertextualidade, a informatividade, a coesão e a coerência.

2.1 Intencionalidade

A **intencionalidade** é o critério que evidencia ser o texto um mediador de uma intenção comunicativa e a materialização de escolhas que buscam estabelecer algum

tipo de interação com o destinatário. Com o texto procura-se alavancar/desencadear as mais variadas interações, que vão desde um grau mínimo de persuasão (iniciar ou manter contato, por exemplo) até um grau máximo (consumir um determinado produto ou mudar um comportamento, por exemplo). Vamos entender isso lendo os textos a seguir.



Figura 5 - Humor/Entretenimento



Figura 6 – Humor/Crítica social

Perceba que os textos, explorando o humor, propõem interações com um grau variado de persuasão: o primeiro intenciona divertir, entreter o leitor (grau mínimo de persuasão) com a conclusão a que Radicci (o conhecido personagem de Iotti) chega depois de fazer uma dieta por uma semana; o segundo (uma charge) apresenta uma leitura crítica da realidade, abordando as péssimas condições de muitas estradas brasileiras, intencionando que o leitor compartilhe dessa mesma leitura, busca a adesão

do leitor (grau máximo).



É de destacar, porém, que ambos os textos têm intenções, são organizados com vistas a alcançar um objetivo. A consciência de que o texto intenciona alguma coisa é responsável pela maioria das escolhas no momento de construir o texto com o foco em sua expressão. A escolha de determinada estrutura frasal, ou imagem, cor, tamanho, foco obedece à lógica de que essas escolhas convertem-se em poderosos recursos para alcançar o objetivo pretendido/intencionado. Veja a importância da imagem na denúncia feita na primeira página de um jornal.

O problema destacado também são os buracos, só que agora eles estão no perímetro urbano.



Figura 7 – Imagem hiperbólica

A imagem hiperbólica (exagerada) de um buraco ganha destaque na denúncia do problema enfrentado pela comunidade, está sendo empregada intencionalmente; com ela, pretende-se não só captar a atenção do leitor, mas também dimensionar a gravidade do problema. O ângulo de que foi tirada a foto é uma escolha consciente, torna-se um importante recurso no fazer persuasivo empreendido pelo jornalista. Cria-se o efeito de que o buraco é capaz de “engolir” o homem.



O leitor atento à dimensão da intencionalidade perceberá que a charge, por exemplo, sempre traz um olhar comprometido, interpretativo, persuasivo para ser compartilhado com ele; a publicidade busca seduzi-lo para o consumo; o jornal lhe apresenta uma leitura (dentre as muitas possíveis) como se fosse informação, e assim por diante.

2.2 Aceitabilidade

O segundo critério de textualidade – a aceitabilidade – destaca a dimensão da textualidade centrada no destinatário. Para um texto ser reconhecido como preenchendo uma função social, o ouvinte ou leitor devem aceitá-lo como um texto coeso e coerente, que tem para ele alguma utilidade ou relevância. Veja um caso ilustrativo de como esse fator pode interferir na recepção dos textos.



Figura 8 – Cartaz polêmico/Aceitabilidade

O texto acima é um cartaz que foi afixado nos corredores de um determinado espaço da Universidade Federal de Santa Maria. O texto intencionava sensibilizar os fumantes para os perigos do cigarro. Recorre-se às modalidades verbal e não-verbal para construir o cartaz. No texto, destaca-se a imagem de um bolo de aniversário em que se representam as velinhas como cigarros acesos (alusão ao ato de fumar). Essa imagem está acompanhada de uma construção verbal, onde se lê: *Conte os anos que ainda lhe restam*. O que aconteceu com esse texto?

Os fumantes, público alvo do texto, sentiram-se agredidos com o tom incisivo do texto, feridos no seu direito de escolha, de livre arbítrio e, ao invés de reconhecer a intenção do texto, atribuíram outro sentido a ele. Ou seja, o texto não preencheu a função social a que se destinava. O leitor (fumante) não reconheceu o texto com a intenção que foi concebido. Acabou-se gerando, na realidade, um outro texto.

Em específico, a aceitabilidade é um fator que enfatiza a dimensão cooperativa das interações através do texto: numa dada situação comunicativa, deve haver o desejo de partilhar objetivos, crenças, valores e de se negociar quando os sentidos não são comuns, partilhados.

2.3 Situcionalidade

A situacionalidade aponta para a dependência do texto de fatores contextuais. Aqui, ganha destaque o conjunto de fatores que tornam o texto relevante para dada situação de comunicação corrente ou passível de ser reconstituída. Desse modo, para a construção do sentido, é necessário inserir o texto numa determinada situação de comunicação, num determinado contexto sociocultural, circunstancial (ver item 1.3).

Um grito desesperado de *Fogo!*, em meio à chuva, no meio de uma lavoura, não é um texto; ao contrário, num prédio em chamas, preenchendo a função de alertar os moradores do incêndio, torna-se um texto.

Você vê algum sentido na sequência *Alfaces, cheguei!*? Pois leia o texto que segue e encontre sentido (e textualidade) nessa frase, pois, agora, ela está contextualizada. Antes, porém, como não é o texto original, talvez precisemos recuperar alguns dados. Trata-se de um *outdoor*, um grande cartaz publicitário de uso bastante comum em espaços urbanos (ruas, avenidas, estradas de grande circulação), que foi afixado em uma rodovia de grande movimentação de veículos, em julho de 2000, na cidade de Santa Maria-RS. Esse *outdoor* é uma peça publicitária que fez parte da campanha de lançamento do pão *light* fabricado por uma conhecida marca de produtos alimentícios.

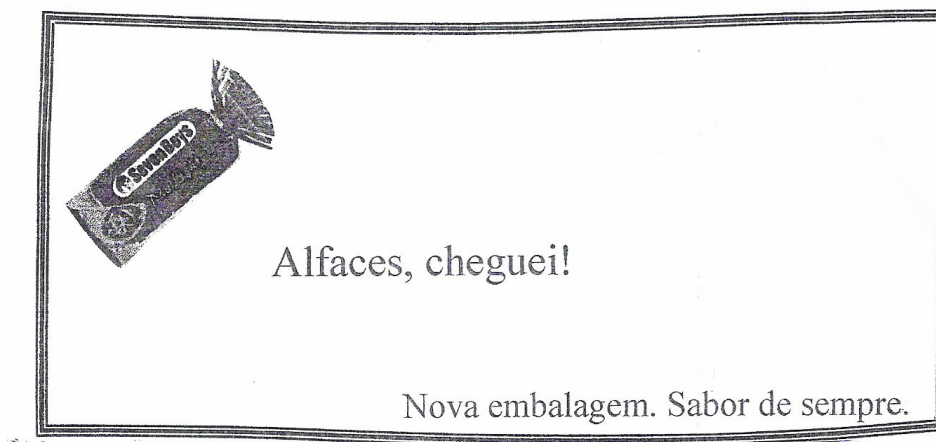


Figura 9 – Outdoor/Fatores Contextuais

Considerando essas informações contextuais, vamos (re)construir o sentido do texto. Primeiro, sendo um *outdoor* localizado numa rodovia, a mensagem precisa ser

breve, pois não há tempo de ler muita coisa enquanto se dirige. É uma campanha de lançamento, por isso o verbo *Cheguei e Nova embalagem*. Como é um pão light, indicado para acompanhar dietas, faz-se referência a *alfaces*, outro ingrediente que lembra emagrecimento. E a época do ano, é importante?

Sim, a data em muitos textos é um dado contextual fundamental: por que se escolheu esse momento do ano para veicular o texto no *outdoor*? Porque o início do inverno é a época em que muitas pessoas preocupadas com a boa forma (o público alvo do anúncio) começam sua preparação ou manutenção para estarem “em forma” no verão. Veja, na charge apresentada a seguir, a importância da data em que o texto foi publicado.



Figura 10 – Charge com o tema trânsito

O texto foi veiculado no jornal Zero Hora, no início do Carnaval de 2006. Nesse período do ano, particularmente, as mortes no trânsito aumentam significativamente. Observe que a frase no balão alude a isso: *O trânsito no feriadão é sempre um quadro dramático*. O texto intenciona alertar os motoristas (leitores) sobre esse sério problema social.

Concluindo, os fatores contextuais, como data, autor, elementos gráficos (infográficos, tabelas, fotos, tamanho de letra...), seção (do jornal ou revista) onde o texto está localizado, nome da coluna (Opinião, Mundo, Ecologia), entre outros tantos elementos, auxiliam o leitor no seu percurso de dar sentido ao texto. Devemos por isso mobilizar todas essas informações, trazendo-as para a nossa leitura. Como fator de textualidade, essas informações são constitutivas dos textos.

2.4 Intertextualidade

Para discutirmos o quarto critério de textualidade – a intertextualidade – vamos aproveitar a charge acima. O chargista Iotti (autor da charge) compôs seu texto recorrendo a um intertexto.

O que é intertexto? E qual sua importância para se definir texto?

Volte à charge e perceba, no canto inferior, à esquerda, que Iotti assina seu texto junto com Picasso. Por que isso?

O chargista, ao compor seu texto, recorreu a um outro texto já existente, o famoso quadro Guernica, de Pablo Picasso. Nessa obra, o pintor espanhol mostra, através da devastação da cidade de Guernica, os horrores da Segunda Guerra Mundial. Iotti traz para seu texto a mesma fragmentação vista nas figuras e coloca o carro (trânsito) no centro do texto. O carro é a arma que fragmenta, mata na guerra que é o trânsito brasileiro. Desse modo, o intertexto (texto que já existia) passa a ser parte constitutiva da charge.



Guernica, de Pablo Picasso. Fonte: www.geocities.com/CapitolHill/9820/guernica.htm
Saiba mais sobre o quadro Guernica, de Pablo Picasso, acessando [http://pt.wikipedia.org/wiki/Guernica_\(quadro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guernica_(quadro))

Veja, no próximo texto, que Iotti também recorreu a um outro intertexto, a escala evolutiva do ser humano, para criar seu texto.

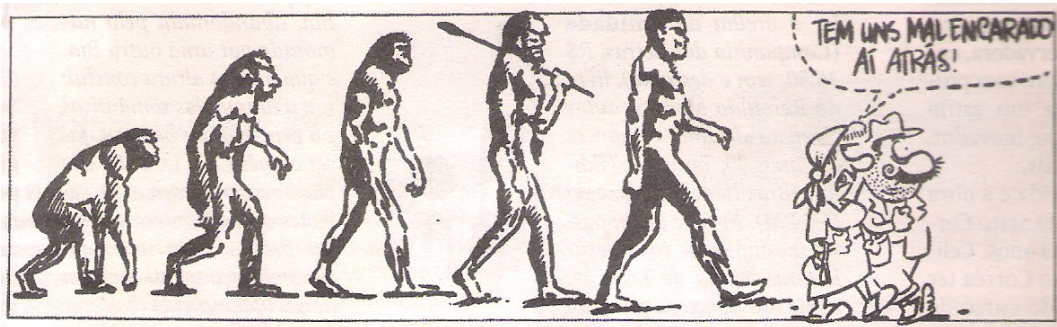


Figura 11 – Quadrinho de humor/Escala evolutiva

Agora, acompanhe como Tacho, outro chargista gaúcho, recorre ao mesmo intertexto para fazer sua crítica sobre o Mensalão.

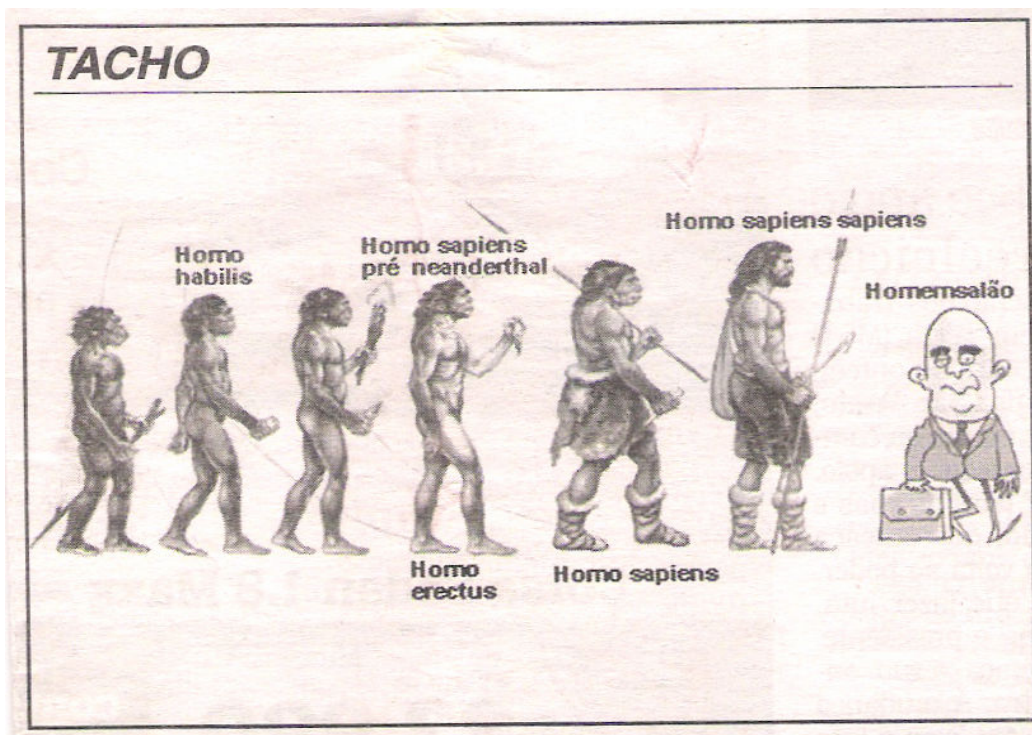


Figura 12 – Charge Mensalão

Comentário → A intertextualidade é o critério que enfatiza que, na construção dos textos, podem-se usar textos já existentes. Nem sempre ela está presente nos textos. A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos. Quantos provérbios (ditos

populares), nomes de filmes, partes de letras de música ou poemas, por exemplo, não são usados para compor novos textos?

2.5 Informatividade

O quinto critério (fator) de textualidade é a informatividade, isto é, em que medida o texto é informativo para o ouvinte/leitor.

O que é ser informativo? Um texto é mais/menos informativo, isto é, mais ou menos esperado/previsível. Para se identificar o grau de informação (alto, médio ou baixo), avalia-se em que medida o texto apresenta informações não esperadas, novas.

Um texto com baixo grau informativo é redundante, apresenta informações já conhecidas (dadas). Por seu lado, um texto com alto grau de informações apresenta somente informações, novas, desconhecidas, o que pode dificultar a leitura.

Você já ouviu falar de Ziraldo, nosso famoso cartunista, autor do livro *Menino Maluquinho*? De uma revista de humor irreverente editada por ele, retiramos o texto a seguir, que apresenta uma crítica, uma denúncia contundente da realidade social brasileira.

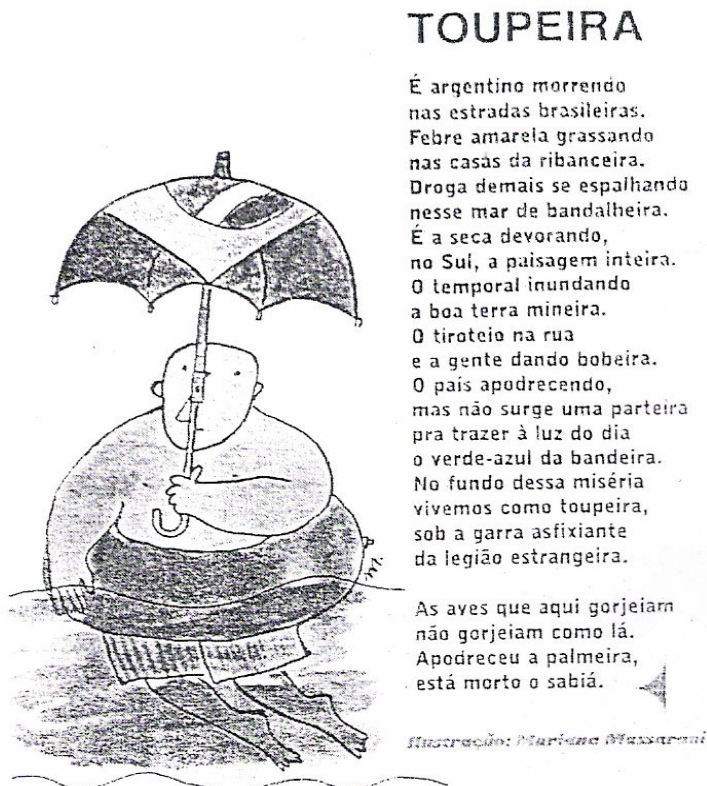


Figura 13 – Crítica social

O texto acima é informativo? Por quê?

Pode-se iniciar a responder à questão, observando que a escolha da forma do texto, um poema, para tratar de um tema social abordado de uma perspectiva argumentativa. Tipicamente, esse objetivo se concretiza através de outros gêneros, como editoriais ou cartas do leitor. É novo, é inesperado, portanto informativo, que seja um poema a estrutura escolhida para se denunciar nossa triste realidade. Que outros aspectos podemos destacar?

Os linguísticos, com a escolha do gerúndio (Você reparou quantos verbos terminados em **-ndo?**) e de substantivos e adjetivos em **-eira** para compor as rimas dos versos. E o final do texto, o que tem de informativo?

Acertou quem pensou nos conhecidos versos de Gonçalves Dias: *Minha terra tem palmeiras/ Onde canta o sabiá/ As aves que aqui gorjeiam/ Não gorjeiam como lá.* Porém, o novo reside na alteração desse intertexto, ou seja, muda-se a orientação argumentativa do texto base. O que isso quer dizer?

A orientação do texto de Gonçalves Dias era elogiosa ao Brasil, ele estava exilado em Portugal e, no exílio, escreveu o texto para mostrar sua saudade e seu amor à terra natal. Já no texto em análise, o autor muda essa direção, (re)coloca o intertexto num contexto contrário: está-se fazendo uma crítica ao Brasil. Veja a alteração nos versos que comprovam isso: *Apodreceu a palmeira, está morto o sabiá.* Esse procedimento é conhecido como paródia. Ao contrário, quando se usa um intertexto e se mantém a orientação argumentativa, tem-se um procedimento conhecido como paráfrase.

Dicas!!!

Se você quer aprofundar seus conhecimentos, sugerimos a leitura de *Redação e Textualidade*, de Maria da Graça Costaval. Nessa obra, a autora analisa redações de vestibulares à luz dos critérios de textualidade. Vale a pena conferir!

Para ler o poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, na sua íntegra, acesse <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/gdias.html>.

Voltando à informatividade, podemos afirmar que, em geral, na maioria dos textos, a informatividade opera a partir de um equilíbrio entre o dado e o novo. Veja o caso da charge: ela sempre comenta um fato ou elemento conhecido do leitor (conhecimento prévio), porém, para ser texto, precisa acrescentar uma informação nova, trazer uma novidade.

Saiba mais: Nos idos de 2000, Ziraldo criou uma revista de humor, que era uma paródia da revista *Caras*. Ele usava um trocadilho para justificar o nome da revista, *Bundas*. Ele dizia que quem tinha cara para aparecer em *Bundas* não tinha bunda para aparecer em *Caras*.

2.6 Coesão

Vamos aproveitar um gênero discursivo (ver o item 3, a seguir), a charge, para revisar o que estamos estudando sobre critérios de textualidade. Antes, no entanto, aprecie a charge de Marco Aurélio apresentada abaixo.



Figura 14 – Charge e textualidade

Você que saber por que é uma charge, se o texto mais parece um quadro de uma conhecida história infantil?

Para responder, é necessário recuperar elementos da situcionalidade, isto é, que ancoram o texto numa determinada situação comunicativa. O texto foi publicado no jornal Zero Hora, no dia 21 de março de 2000. O chargista Marco Aurélio escolheu como tema de seu texto um fato com repercussão positiva na sociedade gaúcha da época: Dunga, atual técnico da Seleção Brasileira de Futebol, na época ex-jogador e ex-capitão dessa mesma seleção, fez uma doação de parte de um prêmio por ele recebido. A ação de Dunga foi bastante elogiada, pois essa doação reverteu-se em benefício para crianças carentes.

Sendo a charge um gênero que privilegia a argumentação, apresenta sempre uma interpretação, um ponto de vista sobre a realidade. Neste caso, o texto intenciona apresentar uma avaliação positiva da atitude de Dunga. Essa avaliação vai ao encontro da opinião da maioria dos leitores, que provavelmente compartilham a mesma posição de Marco Aurélio (o chargista), o que favorece a aceitabilidade do texto.

Na construção da charge, destaca-se a intertextualidade com uma narrativa do universo infantil – a história de Branca de Neve – e com o desenho animado produzido pelos estúdios Disney para esse clássico. Marco Aurélio seleciona um quadro desse desenho onde aparecem os personagens Branca de Neve e o anãozinho Dunga, momento em que se estabelece a relação com o tema da charge. A fala de Branca de Neve externa o sentimento de admiração e a avaliação positiva que o gesto do técnico e ex-atleta provocou nos leitores.

O grau de informatividade das charges em geral é mediano. Aqui, a originalidade (informação) está em o chargista explorar a intertextualidade, propondo com isso uma nova relação entre o intertexto e a situação de comunicação em foco.

Falar da coesão é referir-se à verdadeira rede de relações semânticas e sintáticas que se estabelece entre os elementos do texto.

Koch (1997) conceitua a coesão como “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos da superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido.”

Para melhor entender a contribuição da coesão, podemos comparar o texto com uma peça de roupa que está sendo costurada. Essa metáfora da costura auxilia a perceber que, assim como uma costureira une as várias peças (manga, cola, bolsos,...)

para fazer um casaco, quem escreve também precisa “costurar” frases, partes de orações, períodos, parágrafos numa unidade linguística que resulte num texto coeso e coerente. Os elementos que auxiliam na costura do texto são os elementos (mecanismos) coesivos.

Veja, a seguir, como as várias informações sobre o beija-flor, também chamado colibri, vão sendo costuradas ao longo do texto. Isso é possível graças à coesão.

Atrás de cada criatura do universo, existe um segredo muito simples: todas as espécies trabalham **para** proteger o nosso meio ambiente. O colibri é um pequeno exemplo da colaboração dos pássaros nessa tarefa.

Quando está livre na mata, ele é um importante agente polinizador. Voando a uma velocidade de quase 50Km por hora, cada espécie de beija-flor visita uma grande quantidade de flores **em busca de** néctar e insetos. **Também** há, entre os colibris, um gênero **que** se alimenta dos insetos transmissores de malária e da febre amarela, **com isso** desenvolve um combate biológico **muito mais** eficiente **que** qualquer agente químico **até hoje** conhecido.

Essa ave presta **ainda** grandes serviços à medicina. Sem a sua ajuda, as lobeliáceas não se poderiam reproduzir. Dessa planta de flores azuis se extrai a lobelina, usada como ressuscitador na insuficiência respiratória e no colapso periférico. **Além disso**, nos laboratórios, os beija-flores têm prestado relevantes serviços à pesquisa das doenças cardíacas e hepáticas.

Assim, trabalhando em liberdade na floresta **ou** ajudando o homem nos estudos científicos, o pequeno beija-flor nos mostra a importância desta verdade: proteger a natureza é garantir o futuro.

(Publicidade de um Banco)

Comentário → Note que os elementos destacados acima permitem que se vá “costurando”, unindo orações, períodos e parágrafos num todo coerente, o texto. Esses elementos são responsáveis pela coesão textual.

Importante!!! Nos textos, ao mesmo tempo em que se mantém um único tema (unidade textual), há também a necessidade de que esse texto progrida, isto é, novos

aspectos desse tema são desenvolvidos, informações novas são apresentadas, o que faz o texto avançar (progressão textual). A coesão é um dos mecanismos que auxilia a manter tanto a unidade quanto a progressão textual.

Como as informações são inseridas no texto?

Para respondermos a essa pergunta, vamos acompanhar, numa leitura atenta da carta de leitor apresentada abaixo, a contribuição da coesão para a unidade e progressão do texto.

Não concordo com a tese de que houve descobrimento do Brasil. Houve, sim, invasão dos portugueses. As consequências **dessa situação** foram a quase dizimação das tribos indígenas, o roubo de riquezas e o vergonhoso tráfico de escravos. **Essa verdadeira barbárie** praticada **no país** foi promovida pela avidez **dos lusitanos** que **aqui** chegaram com o intuito de “propagar a fé cristã”. O que se viu, **no entanto**, foi um sem-número de atrocidades cometidas contra o meio ambiente e os habitantes locais que em nada lembram os ensinamentos cristãos.

Comentário → O produtor do texto emprega, em várias partes, elementos coesivos: *dessa situação* é usada para se referir às duas frases iniciais, isto é, essas duas sequências são coesivamente referidas na terceira frase através dessa expressão. Perceba também que a próxima sequência, a quarta frase, inicia com *Essa verdadeira barbárie*, expressão que retoma o que foi apresentado anteriormente e permite avançar no tema, construindo-se uma nova frase. O substantivo *país* e o advérbio *aqui* retomam um elemento da primeira frase (*Brasil*), sem repeti-lo, assim como *os lusitanos*, que recupera o referente *os portugueses*. Como o último segmento se opõe ao objetivo “oficial” dos descobridores, ele foi “costurado” ao texto através do elemento coesivo *no entanto*, uma conjunção adversativa, que destaca a ideia de contraste, oposição.

2.7 Coerência

O último critério, a coerência, é o que está subjacente a todos os outros critérios; ela diz respeito à adequação ou não do texto a crenças, valores, ideologias, informações, conceitos e relações pertencentes ao conhecimento prévio tanto do produtor quanto do leitor/ouvinte. Graças à coerência, podemos produzir ou avaliar se sequências linguísticas são texto, isto é, se não são contraditórias, se estabelecem relações pertinentes com nossos esquemas cognitivos e se há progressão e unidade entre as informações trazidas no texto. A soma desses elementos é que torna um texto coerente a uma determinada situação comunicativa.

Platão e Fiorin (2006) alertam que “é a coerência que distingue um texto de um aglomerado de frases”. Mais adiante, esses autores destacam que a coesão “diz respeito ao encadeamento linear das unidades linguísticas presentes no texto” ao passo que a coerência “concerne às relações de sentido”. Considerar a coerência é pensar na “não-contradição de sentidos entre passagens do texto, na existência de uma continuidade semântica. Ela é um fator de interpretabilidade do texto, pois é ela que possibilita a atribuição de um sentido unitário ao texto” (p. 396).

3 Gêneros discursivos

3.1 Conceito de Discurso

Às noções de contexto e texto, articula-se à de gênero discursivo (também chamado gênero textual). Essas noções passaram a ser cada vez mais discutidas nos cursos de Letras e utilizadas nas atividades de leitura e produção de textos nas escolas brasileiras desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de língua portuguesa (BRASIL, 1998). Consta nesse documento:

quando um sujeito interage verbalmente com outro, o **discurso** se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. Isso tudo determina as escolhas do **gênero** no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos linguísticos. (grifo nosso) (BRASIL, 1998, p. 21)

Os termos “discurso” e “gênero”, por nós destacados na citação, são recorrentes em todo o texto dos PCN para a língua portuguesa. O que significam?

O **discurso**, de maneira geral, pode ser entendido como *o sistema linguístico em uso em um contexto específico*. As palavras “o”, “acessar”, “site”, “do” e “MEC”, por exemplo, fazem parte do repertório vocabular da língua portuguesa, certo? Combinadas, podem constituir uma frase, como “Acesse o site do MEC”. Essa frase pode ser considerada discurso?

Não! Embora seja uma estrutura gramatical que tem significado em língua portuguesa, essa frase só poderá constituir discurso se estiver inserida em um contexto, se for parte do processo real de interação entre os usuários da língua. Assim, analisemos o quadro abaixo:

Texto1

ATENÇÃO:

A leitura dos PCN para o ensino da língua portuguesa é fundamental para você conhecer um pouco mais a relação dos gêneros discursivos com o trabalho de leitura e produção de textos. Acesse o site do MEC: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> e baixe o arquivo. Boa leitura!

Observe que a frase “Acesse o site do MEC” integra o texto do quadro, cujo contexto envolve: participantes (professor e alunos), ambiente (virtual), tempo (indeterminado, de preferência logo após a leitura do quadro). As escolhas léxico-gramaticais são coerentes com esse contexto, já que é esperado, socialmente, que o professor solicite ou proponha tarefas aos alunos (o uso do imperativo na forma verbal explicita esse papel social).

Portanto, no momento em que “Acesse o site do MEC”, além de ter um significado e um papel na comunicação, suscita ação em dado contexto. A partir do

momento em que é usada com a finalidade de comunicar e interagir, a estrutura gramatical passa a ser, nos termos de Bakhtin (2003), enunciado. E todo enunciado, em situação concreta de interação entre interlocutores, constitui discurso. Há, evidentemente, uma gama de questões a ser considerada no estudo do discurso (como ideologia, sujeito, condições de produção, etc.), o que é amplamente abordado por teorias como Análise do Discurso (da linha francesa) e Análise Crítica do Discurso (da linha inglesa). Mas como o objetivo, neste momento, é o estudo dos gêneros discursivos, vamos buscar compreender, agora, as definições que têm sido dadas a esse termo nos estudos linguísticos.

Saiba mais: Mikhail Bakhtin, no início do século passado, desenvolveu estudos sobre a linguagem, destacando seu aspecto social, político, enquanto mediadora de interações verbais. Para esse pensador, a palavra é o signo ideológico por excelência.

Vamos ver como as palavras “carregam” posições ideológicas?

Observe o exemplo: *Ela é muito liberal com as filhas*. O juízo veiculado em *liberal* é positivo ou negativo para a mãe? É o contexto, portanto, a ideologia, que definirá se é uma crítica ou um elogio à atitude da mãe.

Outro exemplo é o que acontece com a palavra *oportunista*. Muitos falantes empregam no sentido de defeito, crítica, e selecionam “pessoa com senso de oportunidade” quando querem elogiar alguém que é *oportunista*. Não está na língua o sentido das palavras, e sim o uso ideológico delas.

3.2 Conceito de Gênero

Para Bakhtin (2003) – linguista russo que retomou a noção de gênero do discurso, inaugurada por Aristóteles em “Arte retórica” (séc. III a.C.) –, os gêneros do discurso são fundamentais para nossa comunicação verbal. Segundo ele, “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”.

Mas o que são
gêneros discursivos
(ou textuais)?



Na verdade, não há um conceito único. Dependendo da perspectiva teórica que se adote, pode-se conceber gênero discursivo de diferentes maneiras. Todas elas, no entanto, de uma forma ou de outra, relacionam-se com o conceito fundador de Bahktin no capítulo “Gêneros do discurso” do livro *Estética da Criação Verbal* (2003):

Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Ao analisar um texto sob a perspectiva de gênero discursivo, buscamos não só a caracterização do gênero, como também a identificação do seu propósito comunicativo e da sua função social, bem como a verificação das ações sociais que o gênero permite realizar. A associação entre os elementos linguísticos e os dados do contexto fornece pistas para se descobrir o propósito do texto e, com isso, o gênero discursivo a que pertence.

Acompanhe um exemplo de análise de texto na perspectiva de gênero discursivo:

Texto 2

Terça, 24 de fevereiro de 2009.

Ramiro briga com Raul e exige o dinheiro que ele pegou da empresa. Ramiro procura Fontes para tentar entrar na casa de Raul e conseguir informações sobre o desvio do dinheiro. Silvia conta para Júlia que vai seguir Raul e a filha pede para acompanhá-la. Duda fica sabendo pelo gerente de seu banco que Raj depositou dinheiro em sua conta. Bahuan diz a Maya que ela não vai mais com ele para os Estados Unidos.

Disponível em <http://diversao.terra.com.br/tv/interna/0,,OI3512369-EI13445,00-Caminho+das+Indias.html>

Para delinear o contexto em que se insere o Texto 2, é preciso considerar a data (24 de fevereiro de 2009) e a fonte do texto (a seção diversão de um site da Internet). Esses dados contextuais podem ser associados, no nível das escolhas linguísticas às formas verbais no presente, que realizam processos com destaque para as ações (“briga”, “procura”, “acompanhá-la” “não vai”) e para o próprio dizer (processos verbais como “exige”, “conta”, “pede”, “diz”), cujos agentes são nomes de personagens. Essa observação já nos permite inferir que a finalidade geral do texto é descrever as cenas (compostas de ações e dizeres) de uma história que envolve vários personagens.

A análise da dimensão da léxico-gramática (do vocabulário e da língua enquanto sistema) nos mostra, ainda, que o texto requer o conhecimento prévio do leitor acerca do perfil e das relações das personagens, bem como do contexto em que cada uma está inserida no conjunto da trama que constitui a telenovela. Isso se verifica pela ausência de adjuntos adnominais e apostos explicativos para cada personagem – o que permitiria caracterizar cada uma. Por exemplo: quem é Ramiro e Raul? Qual a relação entre eles: sócios, parentes, amigos, inimigos, colegas? Quem é Fontes, Silvia, Júlia, Olívia? O entendimento do enredo é possível a quem está a par da história.

Outra evidência da necessidade de certo conhecimento prévio por parte do leitor é a recorrência de artigos definidos. Por exemplo, ao usar “*o dinheiro que ele pegou da empresa*”, o autor do texto pressupõe que os telespectadores já sabem quais as circunstâncias do dinheiro desviado e qual é a empresa mencionada. Em capítulos anteriores, essas informações foram dadas ao telespectador (no caso, o dinheiro foi depositado em um banco na Suíça, e a empresa chama-se Cadore, dirigida pelos irmãos Ramiro e Raul, herdeiros do Sr. Cadore).

O produtor do Texto 2 não é informado (provavelmente seja o autor da telenovela “Caminho das Índias”, exibida na Rede Globo de Televisão). Esse mesmo texto pode ser encontrado em outras fontes (em outros sites, em jornais diários e revistas semanais). Em vista disso, podemos concluir que os leitores podem ser pessoas interessadas em saber o que acontecerá no próximo capítulo da novela (se a leitura for realizada ANTES do dia 24 de fevereiro), ou saber o que se passou em capítulo passado (se a leitura for realizada DEPOIS dessa data). Assim, podemos dizer que a distância

Saiba mais: Procure acessar *sites* que falem sobre Bakhtin, pois ele é um dos autores mais referenciados atualmente na área da leitura e produção de textos. Acesse também o site WWW.editoraabrill.com.br e procure a revista Nova Escola. Selecione a reportagem da capa da edição número 219 (jan/fev/2009), que destaca a importância do trabalho com gêneros em sala de aula.

social entre os participantes (autor e leitores) é máxima, uma vez que não se conhecem, nem interagem diretamente.

Prosseguindo na análise, verificamos que o meio é escrito e o canal é gráfico com predomínio da palavra (não há imagens colaborando para a significação). Estruturalmente, há descrição de uma sequência supostamente sucessiva de ações realizadas por diferentes personagens, alguns em interação direta, outros não.

Outro aspecto da léxico-gramática subjacente à variável Modo importante de se analisar é a estrutura Tema-Rema. Observamos que na posição de Tema (ponto de partida da mensagem, primeiro componente da transitividade de cada oração) estão

sempre os nomes das personagens. No Rema, estão as ações praticadas por elas ou seus ditos (frases em discurso indireto). Será que essa estrutura é recorrente em outros textos pertencentes a esse mesmo gênero?

Aliás, cabe a pergunta: os resultados da análise aqui apresentada podem se verificar em outros RESUMOS DE NOVELA, como o Texto 2? Vamos responder a essa pergunta participando do Fórum “Análise do contexto e gêneros discursivos”. As conclusões serão sistematizadas pelo professor e, posteriormente, postadas no ambiente.

QUESTÃO PARA FÓRUM:

Selecione, no mínimo, cinco resumos de novela (em sites, jornais, revistas) e proceda à análise do gênero. Verifique se os elementos léxico-gramaticais encontrados na análise empreendida para o Texto 2 também ocorrem nos textos selecionados. Se houver variações, identifique-as e explique-as.

Compartilhe os resultados de sua pesquisa no Fórum “Análise do contexto e gêneros discursivos”.

UNIDADE B – GÊNEROS E ARGUMENTAÇÃO

OBJETIVOS

- Refletir sobre a argumentação, entendendo-a como um conjunto de práticas e estratégias linguísticas orientadas principalmente para a dimensão sociointeracionista da linguagem.
- Reconhecer especificidades das linguagens verbal e não-verbal e sua contribuição na construção do sentido.
- Distinguir os diferentes modos de organização textual, reconhecendo-os na estruturação retórica dos gêneros.
- Reconhecer as estruturas composicionais básicas, aplicando-as na análise de gêneros.

INTRODUÇÃO

Esta unidade centra-se no estudo da argumentação e sua manifestação/expressão nos diferentes gêneros. Iniciamos a unidade tratando das modalidades verbal e não verbal e sua inter-relação na construção do sentido em gêneros como capas de revistas e publicidades. A seguir, os modos de organização básicos – narração, descrição e dissertação – são focalizados, ganhando destaque a dissertação argumentativa na abordagem do conteúdo (tema, tese e argumentos) e da composição (título, introdução, desenvolvimento e conclusão) em editoriais ou outros gêneros opinativos.

1 Linguagem Verbal e Não-Verbal

A cultura do jovem caracteriza-se pela concomitância de som, palavra e imagem. Nessa cultura, fala-se mais do que se escreve, vê-se mais do que se lê, sente-se antes de compreender. Estas são as principais características da linguagem que predomina na TV, no videogame, na internet. É papel da educação trazer essas experiências vivenciadas pelos alunos para a escola, a fim de contextualizá-las e analisá-las criticamente (PCN, BRASIL, 2000).

1.1 A multimodalidade

Os textos materializam-se por meio da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. Todo o arranjo visual existente no texto que instancia um gênero discursivo, ou seja, a diagramação, as cores, as figuras, o tipo de papel (no caso de textos escritos) ou até o modo como as pessoas se comportam, com gestos, entonação de voz, expressões faciais (no caso de textos orais) constituem o que Kress & Van Leeuwen (1996) chamam de *multimodalidade*.

Com relação às imagens, é necessário considerá-las como constitutivas em textos; não funcionam apenas como um enfeite.

Para Dionísio (2005), os textos multimodais são “textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa.” Tanto as ações sociais quanto os gêneros que explicitam essas ações são multimodais, pois se desenvolvem através de, pelo menos, dois modos de representação:

- palavras e gestos;
- palavras e entonações;
- palavras e sorrisos;
- palavras e animações;
- palavras e imagens;
- palavras e tipografias.

Assim como as palavras podem ter significados diferentes em contextos situacionais e culturais diferentes, a linguagem não verbal também pode ter significados diversos dependendo da cultura do lugar em que é realizado. Por exemplo: aqui no Brasil, como as pessoas interpretam os gestos mostrados nas Figuras 1 e 2?



Figura 1



Figura 2

No Brasil, o gesto de apontar o olho com o dedo (Figura 1) é, normalmente, interpretado como uma advertência ou alerta, equivalendo ao enunciado “Estou de olho em você” ou “Cuide-se! Preste atenção!”. Já no Egito, esse gesto significa que a pessoa fará algo pela outra como se fizesse pelos seus próprios olhos, ou seja, com esmero, dedicação. Os egípcios costumam fazer esse gesto para qualquer coisa que você peça.

O gesto de “figa” (Figura 2) criado projetando seu polegar entre o primeiro e o segundo dedo, no Brasil, é um sinal feito com intuito de dar sorte (torcedores costumam fazer esse gesto antes da cobrança de um pênalti num jogo de futebol por exemplo). Já na área do Mediterrâneo, esse gesto tem um significado extremamente ofensivo.

Como você costuma acenar “sim” e “não” em linguagem não verbal? No Brasil e em muitas outras nações ocidentais, fazer um movimento descendente com a cabeça (para cima e para baixo) significa SIM. Já na Turquia, esse movimento, acrescido do levantar das sobrancelhas, significa NÃO.

O indiano, quando quer dizer sim, gira a cabeça para os lados, em sentido horário e anti-horário. Um ocidental geralmente estranha esse gesto e tende a interpretá-lo como sinal de dúvida ou desagradado.

Em seus discursos, o presidente Lula costuma gesticular, muitas vezes para ilustrar algumas de suas típicas comparações e metáforas. Muitas vezes, combina os gestos com entonações da voz, a fim de enfatizar determinados enunciados, principalmente quando busca justificar medidas polêmicas tomadas em seu governo. Em situações de comemoração, gestos são combinados com sorrisos.



Figura 3 – Gestos. Fonte: http://colorina.wunderblogs.com/archives/2005_09.html

Esses modos de representação são comuns em campanhas eleitorais, publicidades, protestos e demais gêneros orais.

Já nos gêneros escritos, palavras coexistem com imagens e/ou tipográficas (formatos de letras e cores) para o estabelecimento de sentidos. Observe, por exemplo, a capa da revista Veja, edição de 20/05/1998, exposta na Figura 4.

A cor azul dos elementos tipográficos (nome da revista e assinatura de Sinatra) contrasta com o preto e branco da foto e, ao mesmo tempo, remete à cor de uma pequena parte da imagem – os olhos da pessoa retratada. A revista explora uma das características físicas marcantes dessa pessoa – os olhos azuis. A assinatura – Sinatra – se conjuga a esse elemento da imagem, facilitando a identificação do personagem retratado: Frank Sinatra. As datas “1915-1998” dão a pista para o tema principal dessa edição da revista: a morte do cantor e ator americano (ocorrida em 14 de maio de 1998).

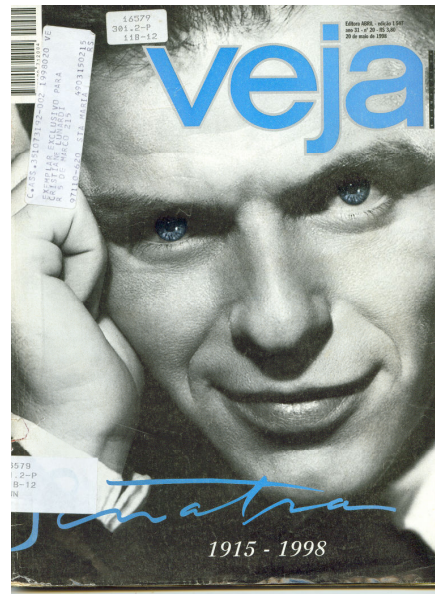


Figura 4 – Capa de revista

A que gênero discursivo pertence o texto da Figura 4? É provável que você facilmente responda: capa de revista. A disposição dos elementos na página é um fator que contribui para o reconhecimento desse gênero discursivo, como se verifica em outros exemplos (salvo algumas variações de formatação em diferentes períodos) (Figura 5).



Isto É, 06/02/2008



Veja, 07/01/2009

Figura 5 – Capas de revista

Alguns elementos e sua disposição são recorrentes nesses exemplares, como: logotipo com o nome da revista em destaque no alto da página, geralmente enquadrado na foto que ocupa a maior parte da capa. Acima da foto e do logotipo, há quadros com chamadas para as outras matérias da edição. Localizadas na parte inferior da página, ou

em uma das laterais da foto, frases são dispostas como chamada para a matéria principal – aquela escolhida pelo editor para atrair a atenção dos leitores e, assim, vender mais. Essa distribuição típica dos componentes contribui para que a capa de revista (neste caso, informativa) seja considerada um gênero discursivo “relativamente estável”, como mostram os esquemas na Figura 6.

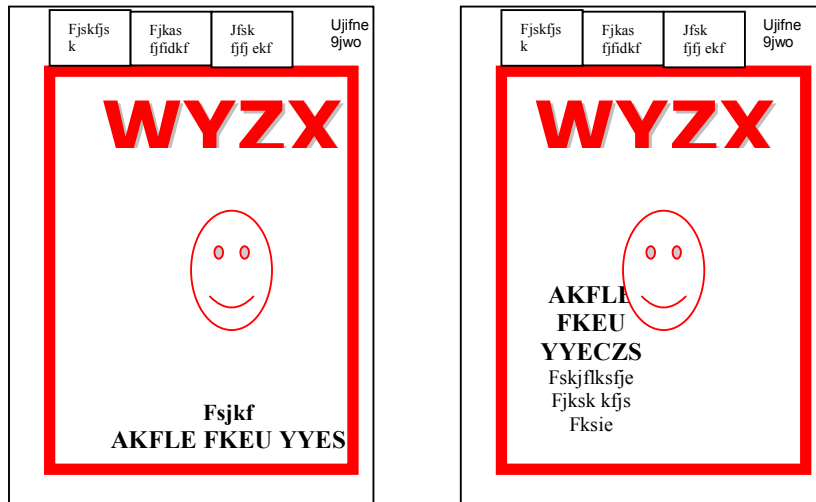


Figura 6 – Esquema de disposição dos elementos no gênero capa de revista

Algumas variações na configuração textual desse gênero se verifica em capas de revistas femininas, como mostra a Figura 7.



Figura 7 – Disposição dos elementos me capa de revista feminina

Se analisarmos a disposição dos elementos em textos publicitários divulgados nessas e noutras revistas, podemos esquematizar sua configuração como mostrada na Figura 8.

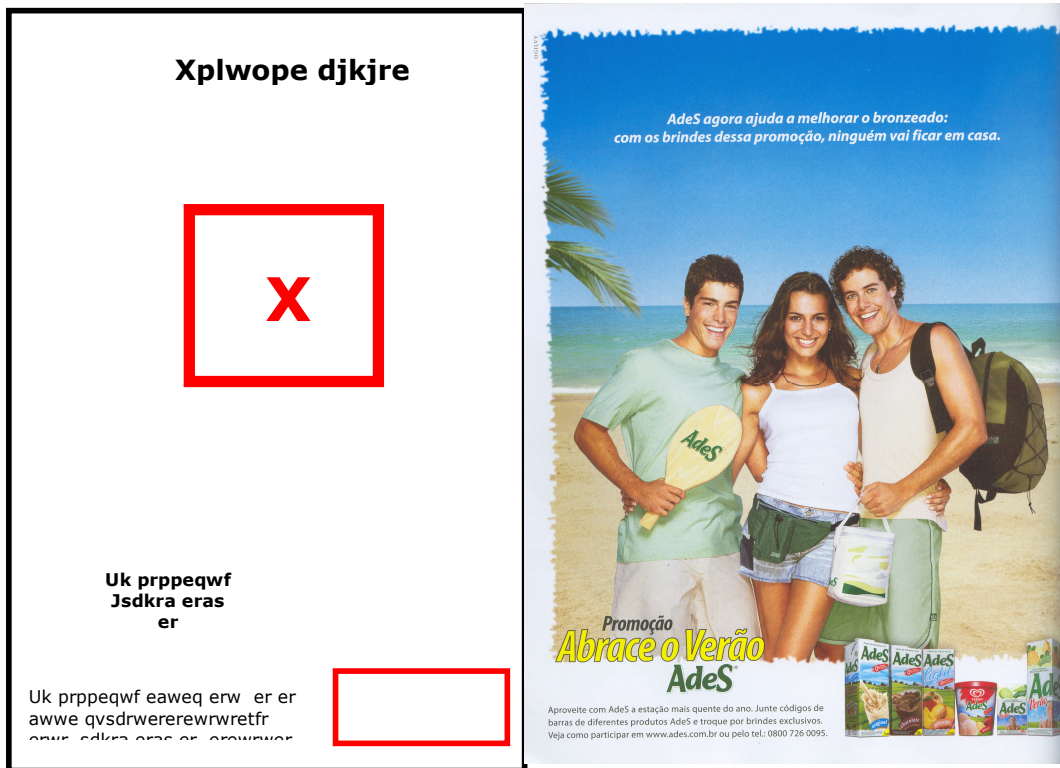


Figura 8 – Disposição dos elementos no gênero publicitário

1.2 Imagem: Representação e Interação

A fim de compreender a capacidade dos textos não-verbais para representar o mundo da experiência humana, podemos recorrer ao modelo proposto por Kress & van Leeuwen (1996) para análise da metafunção ideacional ou de representação em imagens. De acordo com esse modelo, os objetos e elementos representados visualmente são denominados participantes. Dependendo do MODO como os participantes são relacionados entre si no texto não-verbal, dispomos de “estruturas conceituais” ou “estruturas narrativas” de significação.

1.2.1 Estruturas Conceituais

Estruturas conceituais de significação são figuras que representem os traços essenciais de um participante, isto é, suas características relativamente constantes, tais como: forma, cor, parentesco. Dentre essas, os diagramas em árvore, por exemplo, são estruturas conceituais do tipo classificatórias, pois representam objetos em uma relação hierárquica ou taxonômica.

Vamos ver como as imagens podem expressar (representar) relações, conceitos e interações? Você já percebeu gráficos, esquemas, desenhos como textos?

Na linguagem verbal, essas estruturas de relações e interações podem ser realizadas em sentenças como, por exemplo, “Cães, gatos e cavalos pertencem à classe dos mamíferos.”, na qual os **participantes** “cão, gato e cavalo” são subordinados à categoria “mamíferos”, que funciona como superordenada. Na Figura 9, as chaves (linguagem não-verbal) sinalizam essa mesma ordenação dos elementos.

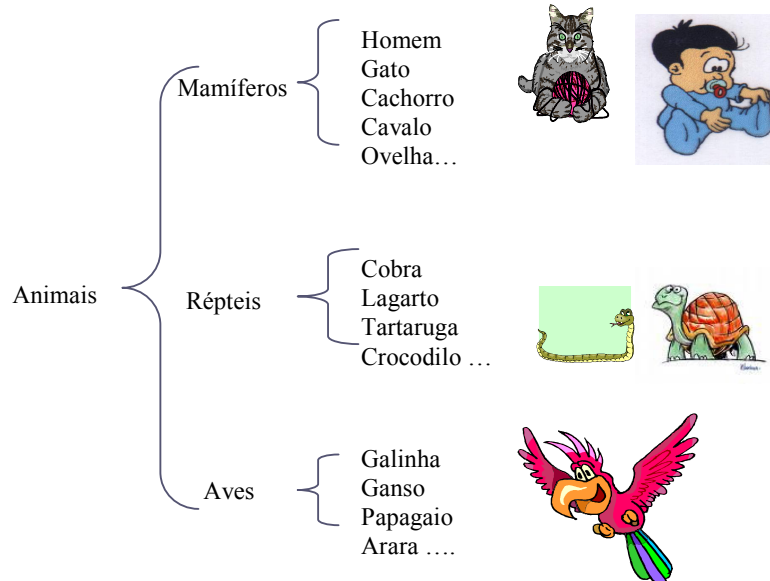


Figura 9: Esquema de superordenação.

Os gráficos, sejam em linha (Figura 10), em barra (Figura 11) ou do tipo pizza (Figura 12), também são estruturas conceituais analíticas construídas em escala. Ao invés da dimensão física dos componentes, a escala, nos gráficos, é quantitativa, isto é, refere-se à quantidade ou frequência dos grupos de elementos considerados idênticos sob um determinado aspecto.

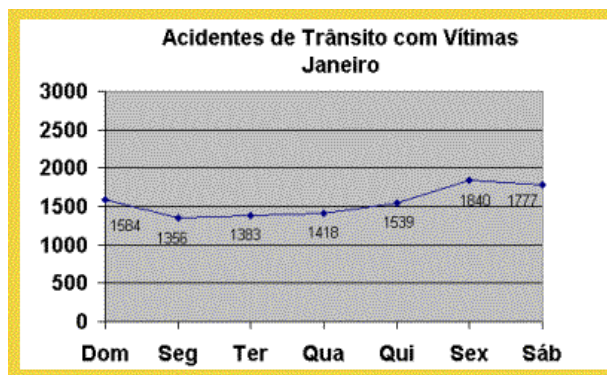


Figura 10 – Gráfico em linhas.

Fonte: http://br.geocities.com/d1martins/Tipos_de_graficos_2008.2.doc

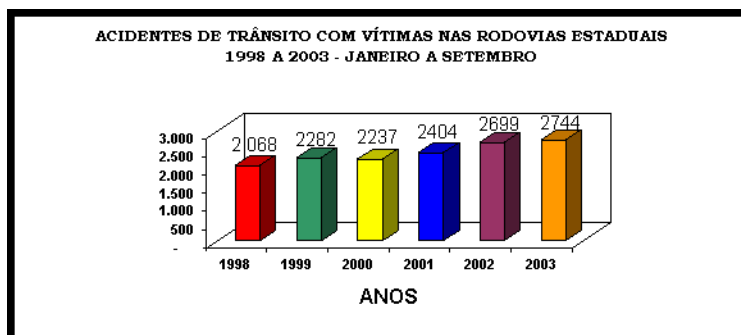


Figura 11 – Gráfico em barras.

Fonte: http://www.detran.rs.gov.br/estatisticas/2003/acidente_2003.htm

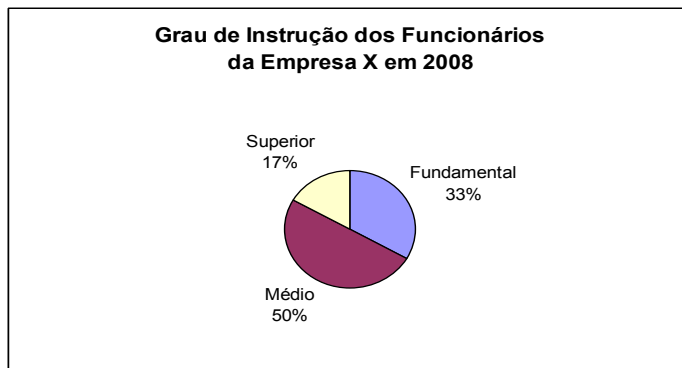


Figura 12 – Gráfico do tipo pizza.

Fonte: http://br.geocities.com/d1martins/Tipos_de_graficos_2008.2.doc

Quando contêm um eixo temporal, os gráficos adquirem um sentido de dinamismo, o que lhes confere mais característica de estrutura narrativa do que conceituais (como, por exemplo, o gráfico da Figura 10).

1.2.2 Estruturas narrativas

São figuras que representam ações, atividades ou eventos. Seja fotografia, desenho ou diagrama, a estrutura narrativa enfatiza o aspecto transitório das relações entre os participantes. A presença de vetores – setas e outros elementos que sugiram ação ou direção – tem valor semelhante à dos processos na linguagem verbal.

Nessa modalidade, estruturas narrativas tipicamente se realizam em sentenças como, por exemplo, “Ela escreveu uma carta” ou “Ela escreveu no quadro”, uma relação entre dois participantes em que se destaca uma ação, ou processos materiais, do “fazer”, como, por exemplo, fazer, colocar, correr, quebrar, etc., que expressam mudanças no mundo material externo em termos de movimento no espaço (“Ele corre todos os dias no parque”) ou mudança de constituição física (“O rio congelou”, “O vaso quebrou”). Processos materiais podem ser identificados por perguntas como “o que X fez?”, “o que X fez com Y?” ou ainda “o que aconteceu com Y?”, sendo X e Y diferentes participantes.

Exemplos de estruturas narrativas encontram-se nas Figuras 13 e 14.

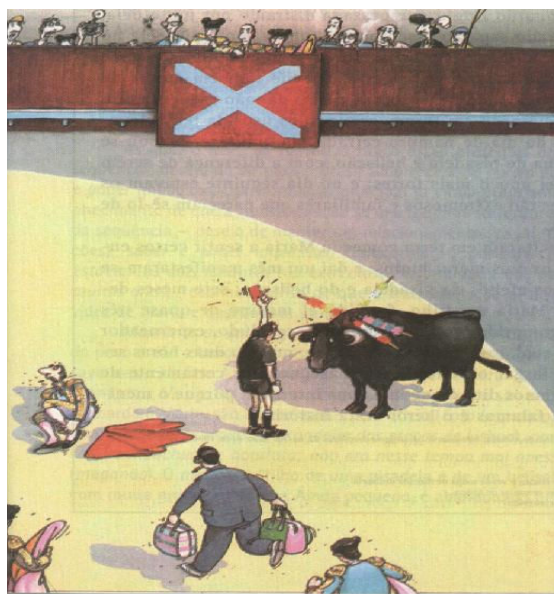


Figura 13 – Cartum, de Roger Blachum, – sequência narrativa concentrada numa só imagem.

Fonte: PLATÃO & FIORIN (2001)

No cartum (Figura 13), percebemos relações de anterioridade (touro atinge o toureiro na perna), concomitância (homem entrando para socorrer o toureiro, juiz apresentando cartão vermelho ao touro, plateia assistindo à cena) e posterioridade (toureiro sendo socorrido pelo homem; touro expulso).



Figura 14 – Ciclo hidrológico.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_hidrol%C3%B3gico

1.2.3 Tipos de Participantes

Quanto à representação e à interação, estudiosos afirmam que há uma relação entre o produtor e o espectador da imagem. Distinguem dois tipos de participantes nessa interação: **Participantes Representados** e **Participantes Interativos**.

Os Participantes Representados são pessoas, lugares e coisas representadas em imagens. Os Participantes Interativos são pessoas que se comunicam com outras através de imagens, os produtores e espectadores dessas imagens.

1.2.4 Tipos de Imagens

Na representação e na interação, é possível identificar dois tipos de imagens: a **imagem de Demanda** e a **imagem de Oferta**. Para que ocorra a demanda e a oferta, é necessário que o participante representado seja humanizado e os modos de representação sejam subjetivos.

A imagem de **Demanda** consiste em um olhar fixo, ou um gesto por parte do Participante Representado, o qual solicita alguma coisa ao Espectador. Há uma relação de interpelação. Esse tipo de imagem é comum em capas de revistas, propagandas (Figura 15) e fotos de família em que as pessoas posam para um fotógrafo.

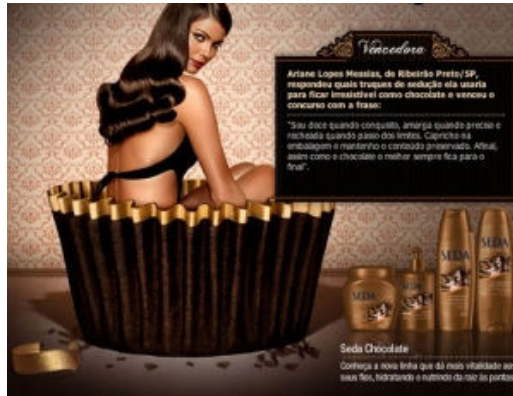


Figura 15 – Imagem de demanda

Fonte: <http://tiagoaroeira.files.wordpress.com/2008/06/seda.jpg&imgrefurl>

A imagem de **Oferta** oferece o participante representado ao espectador como item de informação, como objeto de contemplação. Esse tipo de imagem, além de ser usada em capas de revistas, fotos e peças publicitárias, também é comum em revistas de fofocas e reportagens (Figuras 17 e 18).



Figura 16: Imagem de oferta

Fonte: cosmeticnow.com.br



Figura 17 – Imagem de oferta

Fonte: www.vilacampina.pt

1.2.5 Ângulos de Imagem

Outro aspecto relevante é o ângulo da imagem, que pode ser frontal ou oblíquo. O **ângulo frontal** (Figura 19) da imagem representa o ângulo do máximo envolvimento; imprime ao espectador uma identificação com a imagem como se ela fizesse parte do seu mundo. Já o **oblíquo** representa distanciamento (Figura 20).

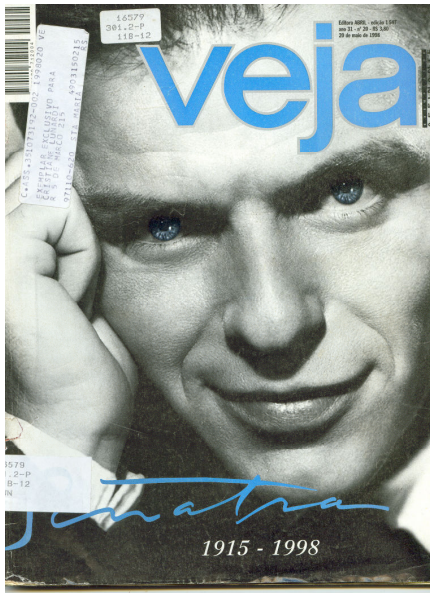


Figura 18 – Ângulo frontal
Fonte: Veja, maio 1998



Figura 19 – Ângulo oblíquo
Fonte: Marechal Mallet - Barão de Itapevi
http://www.esa.ensino.eb.br/cursos/artilharia/imagem/patrono_mallet.jpg&imgrefurl

1.2.6 Cores

Outro componente importante das imagens é a **cor**. Conforme Dondis (2003), “a cor está, de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos em comum”.

Dondis também afirma que “conhecemos a cor em termos de uma vasta categoria de significados simbólicos”. O senso comum aplica significados às cores, eis alguns:

- **azul** – cor fria, é neutralizante nas inquietações do ser humano, proporciona sensação de calma e recolhimento;
- **vermelho** – cor quente, estimulante, proporciona vigor e estimula a agir diante de algum obstáculo, atrai o olhar das pessoas, chama à atenção e também está relacionado com ardor e paixão, ferocidade, força e sexualidade;
- **amarelo** – irradia luz, brilho, calor, vida, riqueza;
- **verde** – simboliza a harmonia, o equilíbrio e a esperança; laranja – possui características próximas ao vermelho, mas em menor intensidade, apresenta entusiasmo, comunicação, movimento, energia.

Observe os efeitos produzidos pelas cores suaves na Figura 20 e pelas cores mais intensas na Figura 21. Pense em quais ideias, valores sociais ou atributos simbólicos

(status, poder, sedução, feminilidade...) esses jogos de cores associam aos produtos anunciados.



Figura 20 – Cores suaves
Fonte: Marie Claire, 2006.

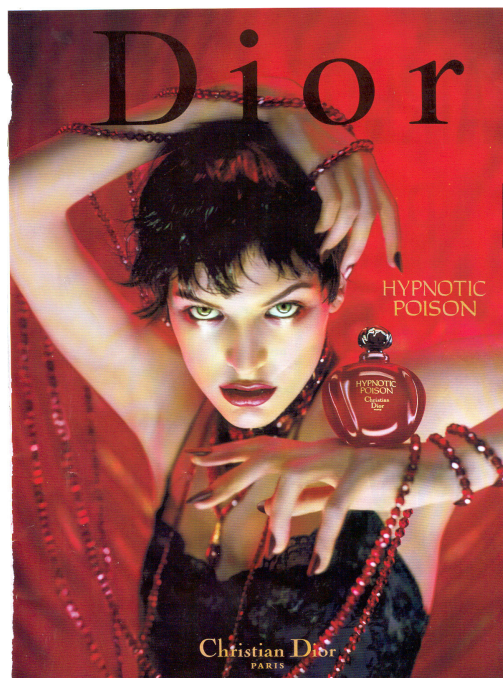


Figura 21 – Cores intensas
Fonte: <http://www.sepha.com.br/portal/dior/1936.html>

Ao finalizarmos essa parte do conteúdo, deixamos a você uma reflexão com base no seguinte texto. Antes de formulá-la, leia-o.



Figura 21– Interação entre modalidades

Na publicidade da revista, veiculada em sua edição de 10/09/03, destaca-se um aspecto interessante: o amálgama, a mistura entre a modalidade verbal e a não-verbal. Onde está uma, onde está a outra?

Em geral, nos diferentes gêneros, a palavra e a imagem contribuem com as especificidades típicas de cada uma para a constituição do sentido. Nessa criativa publicidade, a palavra serve para criar a imagem, os signos verbais *esquerda e direita* se fazem imagem e constroem a figura do Presidente Lula.

Saiba mais: Para conhecer mais significados das cores, uma fonte para consulta interessante é PASTOUREAL, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Editora Estampa, 1997. Uma versão eletrônica desse dicionário encontra-se em: <http://photoblog.be/blog/relogioparado/view/category/137235/1358497/dicionario-das-cores-do-nosso-tempo.html>. Leia também o artigo **Imagens na publicidade: significações e persuasão**, de Juliana Petermann, para ver uma aplicação desses aspectos teóricos na análise de publicidades, disponível no site: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Petermann.PDF

2 Modos de Organização do Texto

Estudos filosóficos e linguísticos, desde Aristóteles até nossos dias, têm destacado que a interação social por meio da língua é caracterizada, basicamente, pela argumentatividade. KOCH (1993) afirma que “por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – [o homem] tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas opiniões.” Essa autora destaca que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, uma tomada de posição frente ao mundo.

Argumentar é um processo que consiste em explicar, interpretar, ordenar, justificar, relacionar ideias. Através dessas operações, o argumentador busca formar a opinião do leitor/ouvinte, convencê-lo a defender uma determinada tese, a tomar partido em um conflito ou escolher um curso particular de ação.

Caracteristicamente, encontra-se esse procedimento argumentativo em gêneros que buscam a persuasão, o convencimento, a adesão de quem lê/ouve. Textos publicitários, discursos de políticos e de vendedores, matérias opinativas e editoriais jornalísticos, a redação do vestibular, entre outros gêneros textuais que circulam no meio social, são construídos em torno da exposição de uma tese – a ideia a ser compartilhada – e da apresentação de argumentos que levem o interlocutor a aceitar o posicionamento de quem produz o texto ou a realizar determinada ação.



Embora nem todos os textos se organizem em torno da exposição e defesa de uma tese, nos estudos da linguagem como prática social, considera-se que todo texto é argumentativo, variando apenas o grau de argumentação. Desse modo, um anúncio publicitário tem um grau maior de persuasão do que uma notícia jornalística. Esta, mesmo que se mostre objetiva, neutra aparentemente, apresenta um grau menor de persuasão, é resultado de um recorte intencional nas informações a serem divulgadas; portanto, é também argumentativa.

E o que são *modos de organização* do texto? Por modos de organização entende-se a organização retórica que embasa os diversos gêneros. Assim, temos modos básicos: a narração, a descrição e a dissertação.

Esses modos estruturam, em conjunto ou em separado, os textos, a depender do gênero, embora haja sempre a predominância de um deles. Um classificado, por exemplo, é um gênero organizado somente com a descrição; já uma notícia de jornal ou um romance são caracteristicamente de base narrativa, mas neles frequentemente

aparecem fragmentos descritivos; o editorial é de base dissertativa, ainda que possa ser organizado com fragmentos narrativos e/ou descritivos.

Observação: Antes da teoria dos gêneros, tratava-se a narração, a descrição e a dissertação como tipos de textos. Hoje entendemos como modalidades retóricas, isto é, são estruturas recorrentes que se manifestam nos gêneros a depender dos propósitos argumentativos de quem produz o texto.

2.1 O Modo Narrativo

A narração é um modo de organização que fundamenta gêneros em que se apresenta o relato de uma sucessão de eventos de que se compõe o fato narrado (por exemplo, um atentado em Israel) ou de uma sucessão de fatos que formam a história que nos é contada (por exemplo, um romance ou um conto). Simplificadamente, narrar é relacionar situações ou fatos e personagens.

Um texto organizado com base na narração apresenta, dependendo dos objetivos do autor, todos ou alguns dos elementos constitutivos da narração: O quê aconteceu? (o fato narrado), Como? (o modo) Com quem? (os personagens envolvidos), Quando? (o tempo) Onde? (o lugar) Por quê? (as causas) Quais as conseqüências?

Veja alguns exemplos:

Doutor Barbárie

Bêbado,/ médico/ atea fogo/ em rapaz/ durante festa de estudantes/ no interior de São Paul.

Por quê? Quem? O quê? Quem? Quando? Onde?

Comentário: Esse é um recorte da revista Veja que integra o início de uma reportagem. O título instiga para a leitura da frase que vem a seguir. Perceba que nela, há resposta para as perguntas básicas da narração. Está esclarecido o fato, os envolvidos e as circunstâncias de tempo e lugar. A informação de que era um médico e a avaliação negativa de seu ato está expressa no título; a informação sobre estar alcoolizado pode ser interpretada, inicialmente, como um causa (atenuante?) para a barbaridade do ato praticado.

ROTTWEILER QUASE MATA UM MENINO

Criança brincava com amigos quando foi atacada pelo animal e só escapou com vida com ajuda do pai.

O violento ataque de um cão da raça rottweiler contra uma criança de apenas 6 anos, no final da manhã de ontem, apavorou e revoltou os moradores do bairro Rubem

Berta, na zona Norte da Capital. Com a forte mordida desferida pelo animal, o menino teve arrancada parte de seu couro cabeludo e só escapou da morte pela intervenção rápida e enérgica do pai.

(Zero Hora, 06/12/02)

Comentário: Há três elementos de uma notícia de jornal transcritos acima: o título, que destaca o fato e os envolvidos; o subtítulo, que, retomando o fato, traz informações sobre as circunstâncias e a intervenção decisiva de um novo personagem, o pai; e o lide, isto é, o primeiro parágrafo de uma notícia, onde, sucintamente, apresenta-se o fato relatado que, nos outros parágrafos, será desenvolvido.



→ Veja como a língua foi usada argumentativamente na estrutura narrativa → No título, a seleção de *matar* conota dramaticidade e o *tempo presente* confere maior tensão, atualiza um fato que já aconteceu, engajando o leitor, captando sua atenção. No subtítulo, há referência à ação praticada pelo cão como um *ataque*, a escolha da voz passiva possibilita dar à vítima a posição de sujeito que sofre a ação enquanto estava praticando outra ação no passado e a *coordenação* introduz, sem mudar o sujeito gramatical (*criança*), uma nova oração em que a *ação do pai (ajuda)* é primordial para salvar o filho. Existem três orações em que se mantém o mesmo sujeito, já que a criança é a personagem principal.

No lide, observe que se avalia o ataque como *violento*, em oposição à fragilidade da vítima, *uma criança de apenas 6 anos*. A gravidade do fato foi intensificada pelo redator ao escolher *apavorou e revoltou* para mostrar a (re)ações dos vizinhos frente ao fato.

Essas observações servem para exemplificar a dimensão argumentativa tanto da língua quanto dos modos de organização, no caso, da narração.

Dica!!!

Vá ao site www.veredas.art.br e selecione alguns minicontos ou micronarrativas para sua leitura. Modernamente, muitos autores têm explorado a possibilidade de reduzir ao máximo a estrutura da narrativa ao contar uma história. Boa Leitura!!!

2.2 O Modo Descritivo

A descrição é um modo de organização de gêneros onde se caracteriza algo ou alguém, onde se colocam em evidências as características, as propriedades, os atributos de um referente, o objeto observado.

Descrever é criar imagens com palavras. Com base nesse modo, responde-se às perguntas: O que é isto? Para que serve? Isso se parece com quê? De que é feito? Quem fez e como?

A descrição evidencia a percepção que o observador tem dos objetos e dos sentimentos através dos cinco sentidos. Ela resulta da contemplação e da apreensão de algo objetivo ou subjetivo.

A depender do ponto de vista e da atitude de quem escreve, a descrição pode ser técnica (objetiva) ou subjetiva (sugestiva).

Na primeira, a ênfase recai sobre o que está sendo descrito; busca-se um retrato fiel da realidade, ser ou objeto descritos. Nesse tipo, a qualidade mais importante será a precisão, a exatidão, prestando-se informações objetivas, analisando e distinguindo as partes que compõem o objeto da descrição.

Encontra-se a descrição objetiva em gêneros como manuais, retratos falados, cadernos de turismo, reportagens, onde e quando a descrição oferece meras informações sobre certo objeto.

Na segunda, retrata-se o ser ou objeto sob a perspectiva de quem escreve, existe um “descomprometimento” com a exatidão, com a realidade; selecionam-se as informações a partir das impressões, das sensações despertadas. Aqui, descreve-se com base na impressão do mundo captada pelos sentidos de quem escreve, de acordo com sua sensibilidade e imaginação.

Encontra-se a descrição subjetiva em gêneros como crônicas, romances, novelas, contos, etc.

Veja alguns fragmentos de base descritiva.

Fragmento A

Isso me entristece, pois a goiabeira é uma árvore meio torta, de folhas todas riscadinhas e cujo tronco se descasca como se fosse papel. Por baixo, a madeira é lisa e bonita que nem marfim. Antes da goiaba nascer, aparece uma flor tão alva, tão gloriosa, coroada de ouro e seda branca! Uma flor que lembra a estrela da Manhã. Há um movimento de vespas, de abelhas em redor dessas flores. Depois, a goiaba é um pequenino botão verde; depois, é um fruto oval e amarelo, cetinoso e perfumoso. Quando se parte, ela abre um sorriso de dentinhos cor-de-rosa. Tão grande é o seu perfume, tão tenra a sua polpa, que, muitas vezes, antes mesmo das crianças, são os passarinhos que as provam. E nesse dia cantam muito melhor. (Cecília Meireles)

Comentário→ Perceba como a poeta descreve afetivamente a goiabeira. O seu texto resulta das impressões e sensações despertadas nela pela árvore. Como Cecília Meireles construiu essa imagem sugestiva? Citemos alguns recursos, a título de exemplo: Há o emprego de adjetivos e substantivos que se referem a visão (*meio torta, riscadinhas branca, verde, alva*), tato (*lisa, cetinoso, seda*), gosto (*tenra*), olfato (*perfumoso, perfume*). Observe o emprego da comparação sugestiva (*cujo tronco se descasca como se fosse papel, que lembra a estrela da Manhã*), e do diminutivo (*riscadinhas, dentinhos, passarinhos*).

Fragmento B

A rotina nas lavouras ou alojamentos dos bóias-frias é marcada pelo trabalho exaustivo, desconforto, nenhum lazer e uma mistura de saudade e apreensão com a família deixada em casa. Em uma das dezenas de propriedades de Bela União, a 30 quilômetros da cidade, Valdenir Soares, 43 anos, e outros três gaúchos dividem uma peça escura de chão batido e 10 metros quadrados. No local, o grupo não tem água quente ou banheiro – as necessidades fisiológicas são feitas no mato. Bebem água de um caminhão-pipa enferrujado e transformado em caixa d'água. “A água tem uma cor de terra”, reclama Wilson Ferreira. Ao redor do alojamento, há dezenas de garrafas vazias de cachaça. A bebida ajuda a esquentar o corpo e afastar a solidão.

Apesar da temperatura, que muitas vezes cai abaixo de zero, o banho é frio e ao ar livre. Os quatro gaúchos improvisaram um chuveiro com uma lata presa no alto de uma árvore. No quarto, as camas são feitas de concreto, como nas prisões. Sobre elas, há apenas um cobertor e um fino acolchoado. “As condições de vida nas fazendas são muito difíceis, mas a gente se conforma porque o que interessa mesmo é trabalhar”, diz Valdenir Soares. O morador de São Francisco de Assis possui uma lavoura de 12 hectares, onde cultiva milho e feijão, mas não garante a sobrevivência. “O dinheiro que vou ganhar aqui me ajuda a manter a propriedade no resto do ano”, justifica.

(Zero Hora, *Uruguai acolhe bóias-frias gaúchos*, 07/09/97)

Comentário → Na reportagem da Zero Hora, esses dois parágrafos de base descritiva respondem à pergunta: Como se caracteriza o dia-a-dia do bóia-fria no Uruguai? Perceba que o objeto descrito é um acampamento. Nessa descrição, o jornalista seleciona aspectos que evidenciam as dificuldades desse dia-a-dia: no local, não se atende às necessidades básicas de água e tratamento sanitário adequados, as acomodações são precárias, o isolamento da família, entre outros. Veja que se vai da visão geral do acampamento (ambiente externo) às dependências do alojamento, quarto (o ambiente interno).



→ A descrição tem um potencial argumentativo acentuado, pois, com base nas características que foram selecionadas, cria-se a imagem a ser construída do referente. O leitor menos proficiente lê passagens descritivas acreditando que elas sejam o retrato fiel da realidade, sem perceber que são resultado de uma escolha intencional de quem descreve. Considere-se um referente, por exemplo, o menor de rua. Dependendo do que se seleciona desse referente para ser descrito e quais os atributos a ele associados, tem-se uma imagem construída para gerar, no leitor, uma imagem do menor positiva, negativa ou até neutra.

Fragmento C

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa-de-meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo como podia estar morto. Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil abandonado sobre a calçada. Um menor abandonado. (Fernando Sabino)

2.3 O Modo Dissertativo

Dissertar é analisar a realidade para apresentar, através de gêneros construídos com esse modo de organização uma interpretação para essa realidade.

O conteúdo de que é feita uma narração é O FATO relatado, na descrição é A IMAGEM do objeto descrito, e a dissertação?

A dissertação organiza-se em torno de IDEIAS a serem conhecidas (dissertação expositiva) ou a serem apresentadas como uma TESE e ARGUMENTOS (dissertação argumentativa).

2.3.1 Tipos de Dissertação

A dissertação expositiva estrutura-se em torno de informações, de um saber existente que deve ser conhecido. O objetivo é informar. Ela integra gêneros como resumos, resenhas, reportagens, artigos científicos, teses e dissertações acadêmicas.

A dissertação argumentativa estrutura-se em torno de um posicionamento, de uma tese para a qual se busca a adesão do leitor. Aqui, o objetivo é convencer, persuadir da validade do que se defende. Essa modalidade integra gêneros como cartas de leitores, editoriais, matérias opinativas, redações de vestibular, entre outros.

Nesse momento estamos na metade do nosso curso. E na parte que apresenta muita informação, por isso vamos apresentar os conteúdos também com o auxílio de telas, como esta que apresenta um exemplo de gênero de base dissertativo-argumentativa, o editorial. Se você ainda não é leitor de editoriais, leia-o para se familiarizar com esse gênero.

LEITURA

IDÉIAS

- TEMA
- TESE
- ARGUMENTOS

ESTRUTURA DO TEXTO

- TÍTULO
- INTRODUÇÃO
- DESENVOLVIMENTO
- CONCLUSÃO

ARGUMENTAÇÃO E LINGUAGEM

- MARCAS LINGÜÍSTICAS
- TIPOS DE ARGUMENTOS
- FIGURAS DE LINGUAGEM

EDITORIAL

SEXO, DROGAS E HEDONISMO
(Folha de São Paulo, 13/01/99)

Depois do Viagra, o Xenical. Os dois produtos transformaram-se rapidamente em objeto de amplo consumo, muitas vezes sem os cuidados e o devido acompanhamento médico que devem preceder a ingestão de qualquer medicamento.

A procura atabalhoada por tais drogas estaria ligada à idéia ilusória de perenidade de um corpo humano predestinado a se comprazer consigo mesmo, seja pelo prolongamento da potência sexual, caso do Viagra, seja por seu enquadramento a um padrão estético em que beleza e obesidade se excluem, caso do Xenical.

Não se trata de condenar ou lançar dúvidas precipitadas sobre a eficácia de drogas que, antes de serem aprovadas para consumo, passaram por testes de laboratórios e de autoridades públicas de saúde. Trata-se, antes, de rejeitar o fetiche perigoso que vi se criando em torno deles.

Insuflado por interesses comerciais, tal fetiche se traduz pelas demandas de uma cultura hedonista, que induz as pessoas a procurar as novidades químicas da estação. Fenômeno semelhante se deu com o Prozac, destinado a tratar de pacientes com problemas depressivos.

Como apurou a Folha, mal começou a ser comercializado no país, o Xenical já está sendo requisitado de modo indiscriminado. Para atender a necessidade de retenção de receita médica na farmácia, pacientes estão recorrendo a médicos não especializados em problemas de obesidade.

Mais que a ingênua previsão de que a ciência, por seu progresso, confortaria a humanidade de todos os males, prevalece a lógica do medicamento como produto comercial.

Tanto Viagra como Xenical podem beneficiar pacientes que buscam maior qualidade de vida. Mas, diante de uma certa histeria coletiva que despertaram, a melhor receita parece ser a parcimônia por parte de consumidores, a responsabilidade por partem dos médicos e o controle rígido por parte das autoridades.

Veja que, além do gênero para leitura (editorial), à esquerda, aparecem três grandes tópicos: Ideias, Estrutura do Texto e Argumentação e Linguagem. Com esses conteúdos nos ocuparemos até o final da disciplina. Essas telas foram criadas para que você possa sempre estar (re)viendo os conteúdos. Pela tela, você se situa no andamento da disciplina.

O próximo item que vamos tratar é Ideias → esse item recobre o tratamento do tema; depois tese e argumentos. Encerrado o estudo das Ideias, passaremos para a Estrutura do texto, com os quatro itens destacados na tela, e assim por diante.

Saiba mais: O editorial é um gênero discursivo que desenvolve um tema de relevância social e apresenta uma tese (o ponto de vista do jornal ou meio de comunicação) e argumentos com o objetivo de obter a adesão do leitor para o que se defende no texto.

2.3.2 O Tema e sua Delimitação

Nos textos dissertativos de base argumentativa, muitos alunos têm dúvida e confundem tema e tese, por isso vamos estabelecer, com clareza, o que cada um desses termos recobre. Iniciemos com o aspecto temático.

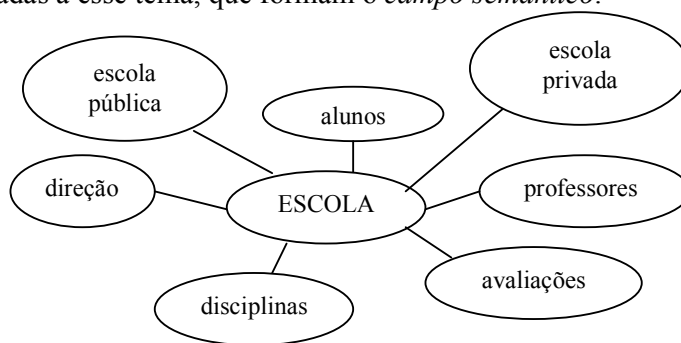
O **tema** é uma espécie de guarda-chuva que abriga as várias palavras de um texto. Um texto sempre tem um tema dominante e vários outros relacionados a ele.

No texto, os temas são *concretizados* por várias palavras a ele relacionadas. Assim, um determinado tema é reconhecido pelo conjunto de palavras (associadas, sinônimas, opostas, etc.) que são empregadas no texto, formando o *campo semântico*, a área do conhecimento que se associa normalmente a esse tema.

Mas o que é mesmo TEMA?



Veja também outros exemplos. Vamos começar com o tema *escola* e algumas palavras relacionadas a esse tema, que formam o *campo semântico*.



Observe agora palavras do campo semântico natureza, que se associam, se opõem ou são tomadas como sinônimos.

NATUREZA { animais, plantas, rios (associação)
vida natural, belezas naturais, verde (sinônimos)
gases tóxicos, rios poluídos, buraco na camada de ozônio (oposição)

Guarde então: quando você lê ou ouve "natureza", vem à sua mente uma ideia geral, uma noção associada a essa palavra, que é o tema. No texto, esse tema será concretizado por **palavras** que recobrem a noção contida em "natureza".

Assim, para reconhecer o tema do texto, é necessário identificar as palavras que compõem o **campo semântico** predominante e os outros a ele associados. Veja, no editorial a seguir, o destaque dado aos três campos que concretizam o tema dos serviços

públicos (em rosa), abordado através do transporte coletivo (em azul) nos grandes centros urbanos (em verde).

LEITURA

EDITORIAL

TORTURA NOS ÔNIBUS
(Folha de São Paulo, 11/03/98)

Nenhuma **grande cidade** do mundo conseguiu equacionar o problema do **trânsito** sem priorizar o transporte coletivo. **Ônibus** decentes e suficientes interligados a uma **rede de metrô** bem distribuída ainda são o meio mais eficaz de **transportar milhões de pessoas** numa **metrópole**. Isso demanda não só dinheiro, o que é óbvio, mas também **planejamento urbano** e compromisso **público** com um **projeto viável de cidade**.

No caso de **São Paulo**, onde a **prefeitura**, por obra de sua própria irresponsabilidade, não tem recursos nem mesmo para cumprir tarefas mezinhas, como a **limpeza de bueiros** para evitar enchentes, seria demais supor que a questão do trânsito pudesse estar bem encaminhada. Mas a falta de dinheiro não explica toda a tragédia. Há, além dela, um descaso histórico das **administrações** pelo **transporte público**.

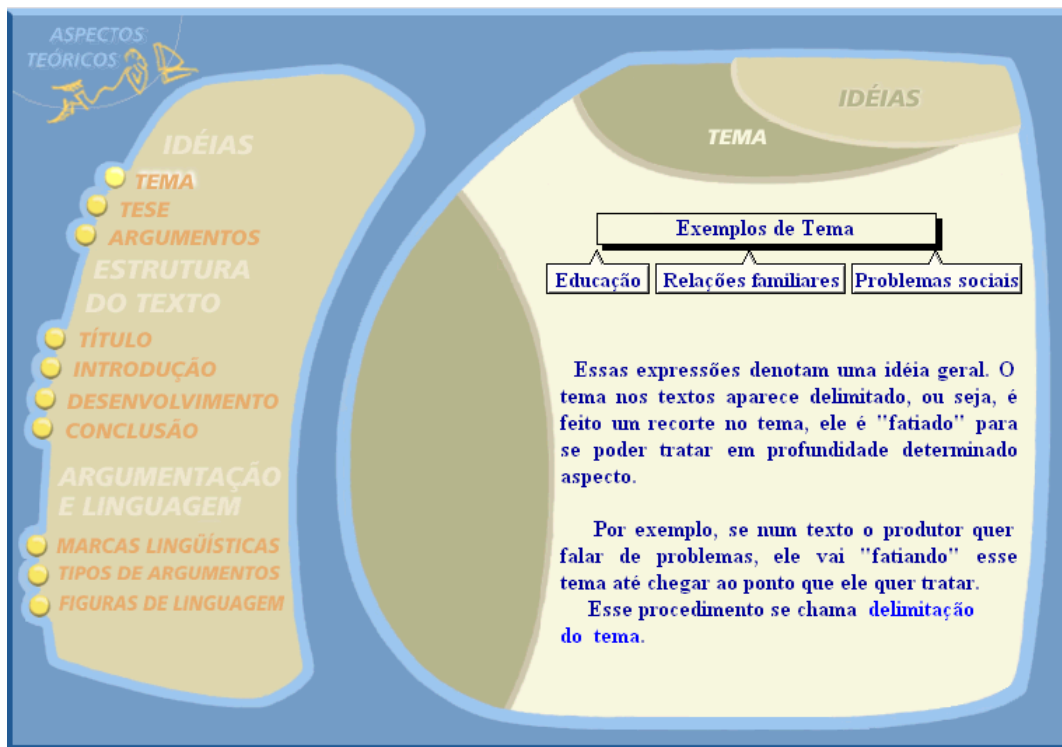
Pesquisa do Datafolha publicada anteontem revela que o **ônibus** é o meio de transporte mais utilizado pela grande maioria dos **paulistanos** (70%). No entanto, mais da metade deles (52%) reclama desse **serviço**. Os **ônibus** são poucos, demoram para passar, estão sempre **superlotados**, ou seja, não cumprem nem remotamente sua finalidade. **Pessoas** espremidas como carga saem deles estressadas, freqüentemente depois de duas horas de **viagem**.

A preocupação com o trânsito poderia começar com um mínimo de consideração pela grande maioria da **população** que precisa dos **ônibus**. Adotar como prioridade a modernização do atual sistema de transporte **coletivo** seria, portanto, a atitude mais sensata para enfrentar o problema, mesmo que ela não renda frutos visíveis a curto prazo.

Comentário → Os campos semânticos são áreas, campos conceituais do sentido. Cada uma das palavras em destaque no editorial acima ajuda a designar e a delimitar os três campos. Essas palavras, ao longo do texto, mantêm entre si relações (de associação, sinonímia, oposição) e acabam por formar redes lexicais, ajudando a concretizar o tema e a manter a coerência.

Atenção!!! Cabe ao leitor identificar o(s) campo(s) semântico(s) presente(s) no texto para apreender o tema e verificar as relações que se estabelecem entre as palavras. Atentar para as escolhas das palavras que configuram os campos semânticos e reconhecer seu uso expressivo e argumentativo é uma tarefa importante do leitor.

Outro aspecto importante para a leitura é o de que, nos textos, os temas aparecem delimitados. O que isso quer dizer? Leia o que segue para descobrir a resposta!

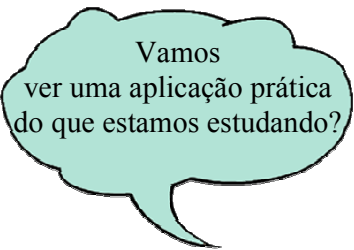


DELIMITAR O TEMA significa restringir o assunto de modo que as ideias passem por um "funil", facilitando a organização e a ordenação. Através da delimitação, evita-se que o texto se perca na generalidade. Acompanhe os exemplos de temas genéricos, amplos que vão sucessivamente sendo delimitados.

PROBLEMAS → PROBLEMAS SOCIAIS → PROBLEMAS SOCIAIS BRASILEIROS → DESEMPREGO

EDUCAÇÃO → GRAUS DE ENSINO → ACESSO AO 3º GRAU → RESERVA DE VAGAS NO 3º GRAU

FAMÍLIA → A FAMÍLIA DE CLASSE MÉDIA → A FAMÍLIA DE CLASSE MÉDIA NESTE INÍCIO DE SÉCULO → NOVO MODELO DE RELAÇÕES FAMILIARES



Publicidade 1

O CIRCO DA FÓRMULA 1 NÃO TEM PALHAÇO NEM MÁGICO. SÓ HOMEM-BALA. (Grande Prêmio de Fórmula 1, Interlagos, SP)

Publicidade 2

Conheça
o mais eficiente
sistema
de irrigação
de ideias. (Caderno CAMPO & LAVOURA, Zero Hora)

Publicidade 3

Estimula os cinco sentidos: nariz, olhos, ouvidos, abraços e beijos.

(Perfume Ototemo, O Boticário)

Comentário → O recurso de que se valeram os publicitários para criarem os textos acima é chamado de inter-relação de campos semânticos, isto é, o deslocamento de palavras de um campo para outro, criando, na junção de palavras dois ou mais campos semânticos, novos sentidos.

2.3.3 A Tese e seu Reconhecimento

O aspecto central na leitura de gêneros com base dissertativo-argumentativa é reconhecer a TESE de um texto. Então precisamos ter clareza sobre ela. O que é uma tese? Como se expressa? Como identificar a tese de um texto?

Vamos começar a responder a essas perguntas lendo a próxima tela com muita atenção.



Observe, a seguir, alguns exemplos de tema e delimitação do tema, seguidos da tese:

TEMA: Problemas sociais

DELIMITAÇÃO DO TEMA: Violência nas escolas

TESE: *Para tratar a crescente violência na escola, é necessária uma ação conjunta entre família, escola e a Secretaria de Segurança Pública.*

TEMA: Política

DELIMITAÇÃO DO TEMA: Os conflitos políticos no cenário gaúcho atual

TESE: O governo e as lideranças políticas devem colocar, em primeiro lugar, o interesse público e o bem do Estado.

TEMA: Violência

DELIMITAÇÃO DO TEMA: A violência das torcidas organizadas

TESE: A violência das torcidas pode diminuir se os atos violentos praticados pelos torcedores forem caracterizados como lesões corporais.

Atente, agora, para o que a próxima tela nos alerta sobre a tese e a defesa de pontos de vista.



TEMA: Educação

DELIMITAÇÃO DO TEMA: Reserva de vagas para alunos da escola pública no 3º grau

TESE: *A reserva de vagas para alunos da escola pública é uma medida equivocada.*

Perceba que esse é um ponto de vista desfavorável à reserva de vagas.

ou

A reserva de vagas para alunos da escola pública é uma alternativa legítima de ingresso no 3º grau. Aqui, o ponto de vista favorável à reserva de vagas.

TEMA: Família

DELIMITAÇÃO DO TEMA: Relações entre pais e filhos

TESE: *É preciso que os pais, neste início de século, estimulem em seus filhos o exercício da autonomia.*

ou

Diante da excessiva dependência emocional e financeira dos filhos, os pais devem, progressivamente, cortar os laços dessa dependência.

Essas sentenças são teses porque apresentam uma sugestão de mudança no comportamento dos pais.

Como se identifica no texto a tese?

Normalmente, a TESE aparece sob a forma de uma declaração, em que se afirma a opinião, o ponto de vista sobre o tema, ou sob a forma de comando, em que se apresenta a sugestão de uma ação que deve ser realizada.

O reconhecimento de uma tese é uma habilidade que vai sendo desenvolvida à medida que aprimoramos nossa capacidade de leitura e aprofundamos nossos conhecimentos sobre gêneros argumentativos.



IDÉIAS

● TEMA

● TESE

● ARGUMENTOS

ESTRUTURA DO TEXTO

● TÍTULO

● INTRODUÇÃO

● DESENVOLVIMENTO

● CONCLUSÃO

ARGUMENTAÇÃO E LINGUAGEM

● MARCAS LINGÜÍSTICAS

● TIPOS DE ARGUMENTOS

● FIGURAS DE LINGUAGEM

IDÉIAS

ARGUMENTOS

A ARGUMENTAÇÃO, o convencimento, a persuasão é construída no texto. Devemos conhecer os TIPOS DE ARGUMENTOS e os RECURSOS LINGÜÍSTICOS usados nessa construção.

Com esses conhecimentos, fica mais fácil reconhecer a tese e os argumentos para julgar, criticar, concordar/discordar do que o texto apresenta.

Veja como é construída a argumentação.

2.3.4 Os Argumentos e seus Tipos

Sobre um determinado tema, pode haver posições favoráveis e contrárias. Se o autor busca formar a opinião do leitor/ouvinte, convencê-lo a defender uma determinada interpretação da realidade, a tomar partido em um conflito ou a realizar determinada ação, deve convencer o interlocutor. Para esse convencimento, o autor apresenta ARGUMENTOS.

Veja, na imagem a seguir, o oportunismo dos comerciantes, que encontraram um bom argumento para vender seu peixe!

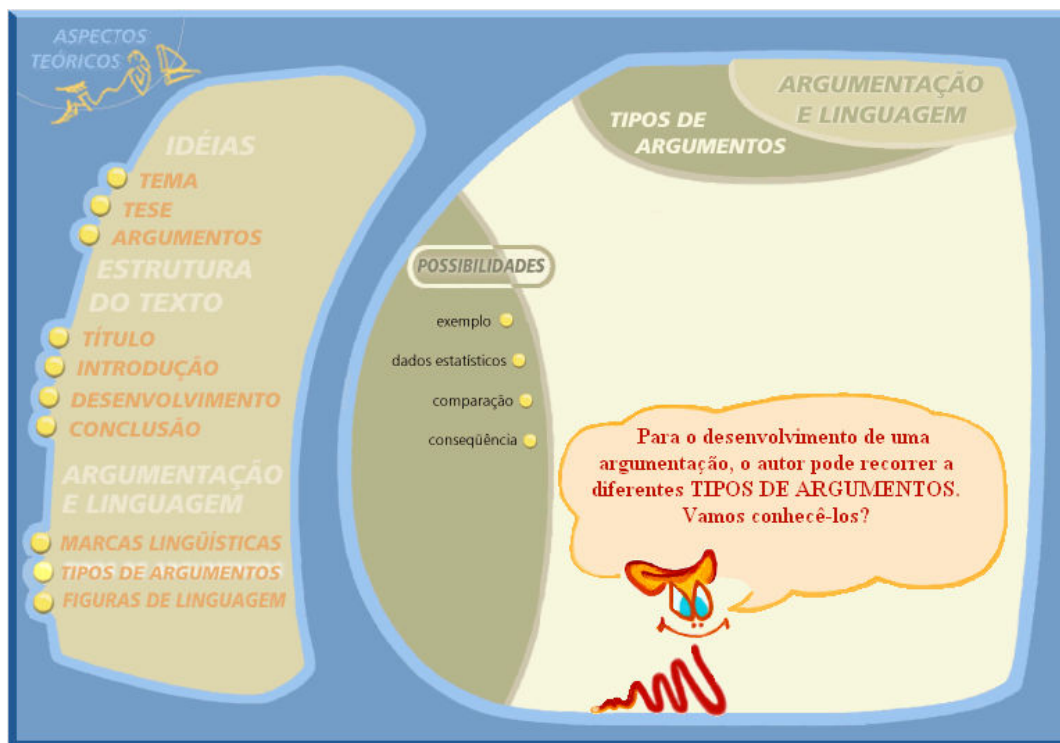


Figura 22 – Argumento de base racional. Fonte: Zero Hora, 27/10/05

Comentário → Em meio à preocupação com a aftosa e o consumo de carne bovina, os donos da peixaria aproveitaram a situação e produziram um texto argumentativo (placa).

Da perspectiva da lógica racional, argumentos são as "provas", as evidências do que se afirma, o que se apresenta ou se mostra para convencer o leitor/ouvinte da tese. Pode também recorrer a avaliações baseadas em juízos e valores para persuadir o leitor/ouvinte.

Para provar, defender uma tese, pode-se apresentar argumentos baseados em **exemplos, testemunhos, análises de relações lógicas, provas, evidências** que apelam para a **RAZÃO** do leitor.



Veja um exemplo:

TESE: *A reserva de vagas no 3º grau para alunos das escolas públicas é uma medida equivocada.*

Para convencer o leitor dessa tese, o autor pode apresentar como argumento **causas e/ou consequências**.

Exemplo 1: *Uma **consequência** da reserva de vagas seria a formação de guetos entre os estudantes, uma vez que a medida estabelece uma segregação, um regime de apartheid ao tratar os alunos da escola pública e os da particular de modo diferenciado.*

Comentário → Esse é um argumento que reforça a tese contrária à reserva de vagas.

Saiba mais!!!

gueto: Bairro onde os judeus eram forçados a morar, em certas cidades europeias. Atualmente, entende-se bairro, em qualquer cidade, onde são confinadas certas minorias por imposições econômicas e/ou raciais.

Apartheid: Separação, sistema oficial de segregação racial que era praticada na África do Sul para proteger a minoria branca.

Exemplo 2: *Se analisássemos as dificuldades que os alunos de escola pública enfrentam ao disputar uma vaga no 3º grau, verificaríamos que, na realidade, a verdadeira **causa** delas não é a concorrência do vestibular, mas sim a falta de uma*

base que lhes prepare para a competição, o que decorre de um ensino fundamental e médio deficitários.

Comentário → Esse é um argumento favorável à reserva de vagas.

Pode-se usar um *exemplo*, um caso, uma ocorrência, um fato para convencer o leitor de uma tese. Observe como esse recurso foi empregado no exemplo a seguir:

Edson Roberto Didoné Júnior, estudante de uma escola pública no interior de São Paulo, obteve excelente pontuação na última prova do ENEM. Seu desempenho foi semelhante ao de Vinícius Lopes, outro campeão de notas, que sempre estudou em escolas particulares.

Comentário → Note como apelar para casos (reais ou fictícios) ilustra, de modo concreto, o ponto de vista e torna a leitura interessante! Por meio da exposição desses fatos, o autor reforça a tese favorável à reserva de vagas.

A utilização de um EXEMPLO é um recurso interessante para o desenvolvimento de uma tese. Pode servir para situar o leitor sobre o problema, a condição ou a solução, convencê-lo de que uma suposta solução pode ou não funcionar, ilustrar uma ideia ou situação. Isso pode ser feito através da exemplificação do caso de uma instituição, cidade, estado ou país para comentar um problema social; demonstrar a eficiência ou não de uma determinada solução através de fatos, ações ou fenômenos positivos ou negativos (dependendo do posicionamento do autor); expor um caso específico que contribua para a compreensão do leitor.

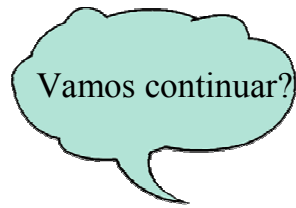
O autor pode referir-se a *dados estatísticos ou numéricos* para provar sua tese e fornecer maior credibilidade ao que se declara. Exemplo:

Os dados divulgados pelo Ministério da Educação sobre o Exame Nacional para o Ensino Médio mostram que a diferença entre o desempenho de alunos da rede pública e os da rede privada não é tão grande como se esperava. A média dos alunos das escolas privadas foi 5,7 contra 4,5 dos alunos da escola pública.

Comentário → Note que o autor utiliza-se de dados numéricos oficiais (5,7 e 4,5) para comprovar a tese de que os alunos da escola pública têm condições de concorrer com os da escola particular de maneira igualitária para ingressar no 3º grau. Reforça-se, assim, a tese contrária à reserva de vagas.

Pode, ainda, o autor, apresentar no texto o *testemunho de uma autoridade* – uma pessoa reconhecida no seu campo de atuação, um especialista – ou evocar o conteúdo de um documento, uma Lei, algo que demonstre autoridade incontestável é um tipo de argumento eficiente, pois confere maior credibilidade à tese. Exemplo:

A reserva de vagas no 3º grau para alunos provenientes de escolas públicas é discriminatória, pois fere a Constituição, que garante, em seu artigo, o direito a todos de acesso à educação.



Comparação: Comparar um fato, fenômeno, pessoa ou objetivo a algo que expresse uma determinada ideia (positiva ou negativa) é um poderoso recurso argumentativo na defesa de uma tese. Exemplo:

O Brasil é um aluno relapso na escola do capitalismo. Sempre é pego de surpresa dormindo na aula e nunca aprende a lição. A última foi aplicada pela indústria automobilística, uma velha mestra incompreendida. (Folha de São Paulo)

Comentário → A comparação do país com um aluno e da indústria automobilística com a professora configura-se num interessante recurso que, além de atrair a atenção leitor, facilita a compreensão do assunto e do ponto onde o autor quer chegar (sua tese).

A argumentação é um tema muito interessante. Em muitos textos somos seduzidos não pelas evidências, pelo apelo à razão, mas sim à *emoção*.

Num texto, pode-se utilizar como *argumentos* declarações, afirmações que não estão baseados em provas, evidências, relações lógicas, mas expressam *juízos, opiniões* de base emocional/afetiva ou estão alicerçados em *valores ou crenças* de uma determinada sociedade. Exemplos:

TESE: Compre o produto X.

ARGUMENTO: Consuma X porque ele já faz parte da família brasileira.

Comentário → Note o conteúdo emocional da persuasão: o produto é elevado à categoria de quase um membro da família, o que sugere um vínculo de afetividade entre o produto e o consumidor. Aqui se recorre à afetividade do brasileiro, ao senso de família para convencer o consumidor a comprar o produto.

TESE: Vote no candidato X.

ARGUMENTO: Vote em X porque ele é exemplar pai de família e católico praticante.

Comentário → Observe que as qualificações atribuídas ao candidato não se referem a sua qualificação como político. O autor recorre a valores e comportamentos (apego à família e à religião) que o eleitor possa ter para sensibilizá-lo. A estratégia é a de sugerir que o candidato compartilha das mesmas crenças e valores do eleitor.

Vamos aplicar o que estamos estudando em um domínio, o da publicidade, iniciando nossa reflexão com um questionamento: Com relação ao gênero publicidade, quais são algumas das estratégias para envolver o leitor/telespectador?

→ agregar à apresentação do produto sensações associadas (frescor, tranquilidade, liberdade...) ou valores cultuados pela sociedade (status, independência, beleza, riqueza...).

→ explorar construções ambíguas, com dupla leitura.

→ empregar linguagem figurada ou com imagens sugestivas, metáforas, hipérboles, metonímias, comparações, prosopopeias, etc.

Veja qual a estratégia explorada com a modalidade não-verbal na publicidade a seguir. O que a imagem de um filhote recém-nascido, em meio à natureza, sozinho, olhos assustados, indefeso, conota (sugere) para o leitor?

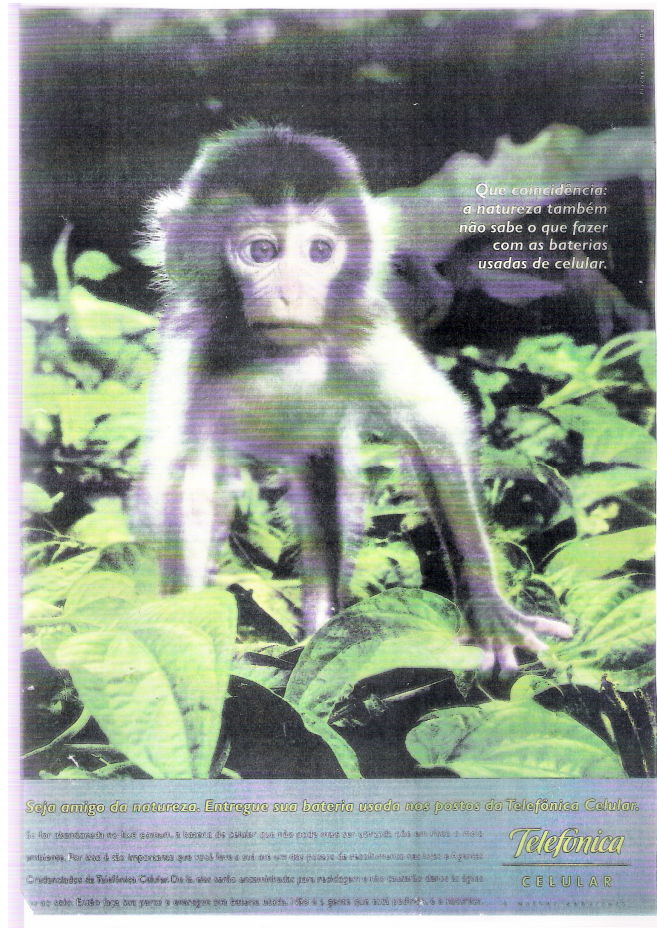


Figura 23 – Argumento com base emocional

Comentário → Perceba como o publicitário apela à emoção do leitor: busca a sua adesão por destacar uma imagem sedutora, procura-se acentuar a afetividade que a imagem do filhote pode despertar.

Saiba mais: Acesse WWW.escalaeducacional.com.br, selecione a revista *Discutindo Língua Portuguesa*, número 14, e leia o artigo de capaz sobre o texto publicitário.

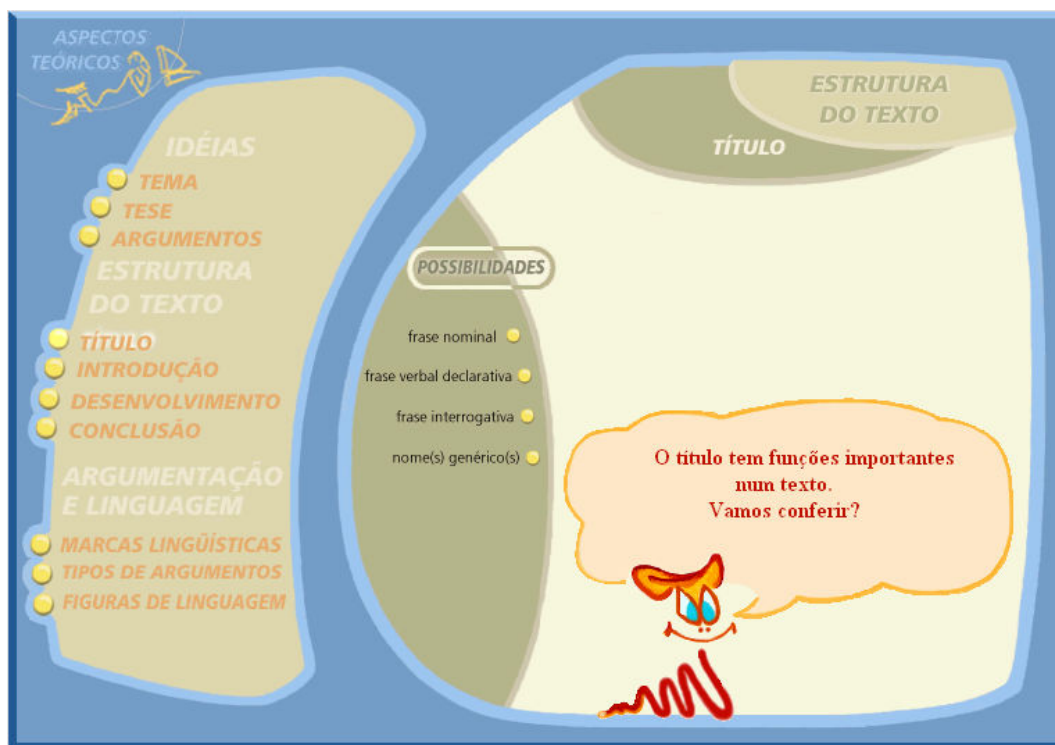
3 Estruturas Textuais Básicas

Gêneros de base dissertativa, principalmente, apresentam uma estrutura composicional básica: título, parágrafo(s) de introdução, parágrafos de desenvolvimento e um de conclusão. A depender do gênero, inserem-se novos elementos:

Um editorial ou a redação de vestibular se organiza em torno de um título e dos três tipos de parágrafos descritos acima; já uma reportagem ou notícia de jornal introduz um subtítulo entre o título e o parágrafo de abertura do texto; a carta do leitor, devido ao pouco espaço na página do jornal ou revista, traz um título e seus parágrafos condensados em um ou dois somente, e assim por diante.

3.1 Título

O título é fundamental nos gêneros, pois é ele o elemento composicional responsável pelo primeiro contato do leitor com o texto. Quantas vezes escolhemos pelo título o texto que vamos ler?



Como se apresentam os títulos? A expressão linguística, a forma dos títulos é variada. Veja, a seguir, algumas dessas possibilidades.

Uma frase nominal (*Doutor Barbárie* ou *Tortura nos Ônibus, Cuidado, crianças na rua* (Correio do Povo, 27/02/09), por exemplo); uma frase verbal declarativa (*Salvem as vogais* (ZH,19/09/03) ou *Engravidar é um ato egoísta* (Superinteressante,09/02), *Lagarta não vive nessa lavoura* (Diário de SM, 22/02/09), por exemplo); uma frase interrogativa (*De quem é a culpa?* Ou *De quem ri, Abrão?*(*Veja*,, por exemplo) ou um nome genérico, a menção ao tema apenas, sem a delimitação feita no texto (*Os jovens e a política* (Correio do Povo02/12/04), *Contêiners de lixo, Guarda municipal* (títulos de cartas do leitor e o título de artigo *Sensibilidade social* (retirados do jornal Diário de SM, 22/02/09).

Vamos reconhecer agora para que servem os títulos. Eles têm papéis muito importantes na estrutura dos textos. Afinal, eles são o “cartão de visitas” do texto!



Comentário: Na estrutura de textos de base dissertativa, o início do texto se completa com o parágrafo de introdução. Como regra geral, a INTRODUÇÃO compõe-se, na maioria das vezes, do título e dos parágrafos iniciais. Nessa parte inicial, são apresentados, em geral, o tema (e sua delimitação) e a tese do autor. Sua função é esclarecer, informar o leitor sobre o tema de que se vai tratar de uma maneira interessante, de modo a chamar a atenção do autor.

Depois de já termos tratado do título, vamos ver algumas das possibilidades de se manter a atenção do leitor! Sistematizamos as funções dessa parte do texto (à direita na tela) e os diversos modos de apresentá-la (à esquerda).

3.2 Parágrafo de Introdução



Comentário → O título e o(s) parágrafo(s) de introdução informam o leitor do que trata o texto. Muitas vezes, o título já antecipa o tema ou mesmo a tese. Veja um exemplo:

Título: Cola, uma bengala psicológica

Comentário → Com esse título, o leitor já pode criar a expectativa de que se vai falar sobre a cola escolar e que se defenderá que essa artimanha é motivada pela crença de que ele traz vantagens emocionais. A introdução deve confirmar essa hipótese de leitura.

Título: Cola, uma instituição nacional

Comentário → Qual a hipótese de leitura que esse título permite projetar? Nele ainda não há uma pista sobre o posicionamento, a tese a ser defendida. Pode-se, por outro lado, projetar a expectativa de que se vai abordar a cola como uma estratégia comuns nas escolas brasileiras.

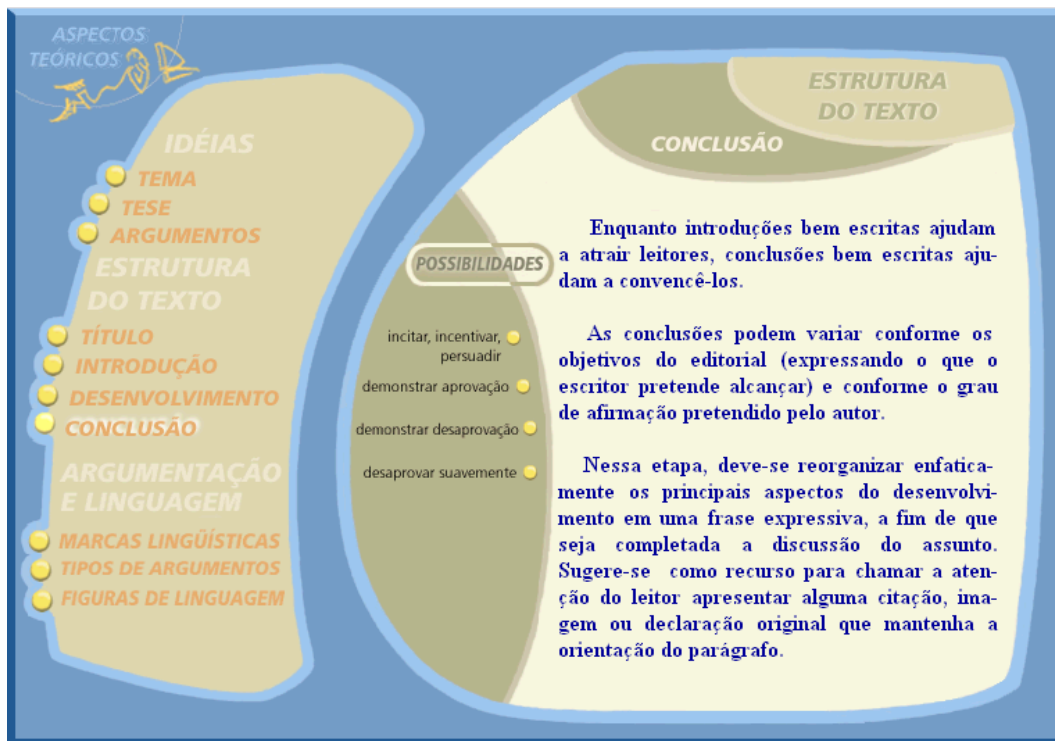
3.3 Parágrafos de Desenvolvimento

Depois da Introdução, vem o(s) parágrafo(s) do DESENVOLVIMENTO. O desenvolvimento é o momento de se apresentar os argumentos, as evidências utilizadas para a defesa da tese. Nessa parte, como o próprio nome sugere, desenvolve-se a argumentação.



3.4 Parágrafo de Conclusão

A conclusão é o momento de, encerrando o texto, trazer à memória do leitor a ideia principal defendida ou exposta ao longo do texto. Para isso, pode-se fazer um pequeno resumo, ou lançar uma pergunta ao leitor, ou ainda apresentar uma imagem inusitada. São várias as possibilidades de se concluir. Vamos ver algumas que podem aparecer num editorial, por exemplo.



Acima, destaca-se que, no parágrafo de fecho do editorial, o editorialista, aquele que escreve esse gênero, pode incitar o governo ou a sociedade a fazer algo, mudar um comportamento; pode também demonstrar aprovação com uma ação, projeto ou atitude, elogiando essas iniciativas e destacando seus benefícios para determinada sociedade; pode, ao contrário, desaprovar, enfática ou sutilmente, as ações, aproveitando para lembrar ao leitor as desvantagens trazidas por determinada iniciativa.

Ao concluir esta unidade, devemos lembrar que os gêneros discursivos têm uma estrutura composicional que os caracteriza, uma organização retórica que faz o leitor identificar que o texto é um editorial e não uma notícia, por exemplo. Conhecer esses modos de organização integra as competências e habilidades dos bons leitores.

UNIDADE C – MARCADORES DA ARGUMENTAÇÃO

OBJETIVOS

- Reconhecer a dimensão argumentativa dos recursos linguísticos.
- Categorizar os diferentes marcadores da argumentação.
- Explicar o funcionamento e a contribuição dos marcadores da argumentação em gêneros de base dissertativo-argumentativa.

INTRODUÇÃO

Estudada a estrutura composicional básica, passaremos à construção linguística da argumentação. Aqui, destacam-se os mecanismos que a língua dispõe para se destacar a leitura (interpretação) de mundo apresentada pelo produtor, que deseja a adesão do seu leitor.

É muito importante para o leitor perceber que a argumentação é construída pela língua, cabendo-lhe, no percurso de sua leitura, ir reconhecendo as pistas deixadas pelo produtor ao longo do texto.

Dentre os recursos linguísticos, salientam-se os operadores (do tipo lógico e argumentativos), os modalizadores, os índices de avaliação (avaliadores), a seleção lexical, os quantificadores, os marcadores de pressupostos e os sinais de pontuação. Neste curso, destacaremos os três iniciais.



1 Os operadores

O que são os operadores? Por que têm esse nome? Nos estudos sobre a argumentação, chamam-se operadores os elementos linguísticos que “operam”, isto é, articulam os argumentos, evidenciando a estratégia argumentativa. A seguir, para entender melhor, você vai acompanhar o emprego desses recursos com exemplos comentados.

1.1 Operadores do Tipo Lógico

Os *operadores do tipo lógico* mostram que o argumentador escolheu como sua estratégia convencer o leitor através da exposição de argumentos baseados na razão, no encadeamento de períodos e parágrafos onde se articulam relações de natureza lógica. Por exemplo, para tratar da violência nas escolas, ele mostra ao leitor quais são as relações de causa e consequência que podem estar implicadas em tão relevante tema. Ele cria o efeito de, objetiva e cientificamente, abordar o tema pelo viés da reflexão, do uso da razão. Diferente posição seria se ele avaliasse, com base em juízos pessoais, a atuação de professores, diretores e pais na condução de ações e atitude relativas ao tema. Aqui, imperaria a subjetividade, o envolvimento emocional.

Vamos fixar bem o que são os operadores do tipo lógico lendo a seguinte tela.



Comentário → As **conjunções e locuções** que aparecem nas gramáticas como conetivo oracionais são, do ponto de vista da argumentação, os operadores de tipo lógico. Muda a nomenclatura, porque a ênfase é diferente: na gramática, está se estudando a organização dos períodos de uma perspectiva sintática: aqui, estamos olhando esses marcadores linguísticos como pistas argumentativas, que mostram para o leitor o movimento argumentativo do texto, a estratégia de se explorar, argumentativamente, as relações lógicas de causa/consequência, condição/conclusão; oposição, finalidade, proporção, etc.

1.2 Operadores Argumentativos

Já olhar elementos linguísticos como **operadores argumentativos** é analisar a língua da perspectiva de quais elementos podem auxiliar a arranjar os argumentos no texto, conforme a intenção de quem escreve. Por exemplo, se o produtor do texto apresenta três argumentos que têm a mesma orientação argumentativa, isto é, colaboram na mesma direção de defesa da tese, ele irá explorar a soma de argumentos e empregar elementos da língua para deixar isso claro no seu texto. Ao contrário, se os argumentos têm orientações contrárias, para não ser incoerente, deve empregar operadores de contraste, oposição. Se, entre os argumentos, há uma hierarquia, ou seja, um é mais relevante para a defesa que outro, o produtor do texto precisará de recursos linguísticos que deixem essa valoração clara. Aqui entram os **operadores argumentativos**. Vamos conhecer alguns deles.



Em gêneros como artigos de opinião, cartas do leitor, editoriais, publicidades, os operadores são muito usados, por isso é necessário que você compreenda o valor retórico deles. Primeiro, veja mais modelos de operadores argumentativos: os pares não só... mas também, tanto...como(quanto), ainda, além disso; aliás; inclusive; só,somente; ou seja, isto é; em decorrência, conseqüentemente; mais que/menos que, entre muitos outros.

Agora, acompanhe a análise de algumas ocorrências em que se exploram esses elementos na argumentação.

Os exemplos da tela: No primeiro, emprega-se *pele menos* para evidenciar a ambição política de Pedro: o mínimo (base de uma escala argumentativa) é ser prefeito, deixa-se implícito que ele ambiciona muito mais.

No segundo, usa-se *Aliás* para introduzir um argumento (como quem não quer nada) importante para criar uma imagem negativa de Joana: ela não é responsável.

No último exemplo, *Até* gera no leitor uma leitura claramente negativa para a possibilidade de deflagração da greve: a greve tem poucas chances de ir adiante, pois não conta com a participação de quem sempre se espera participação.

Dica!!! Para reconhecer a importância dos operadores, retire-os das frases. O conteúdo da proposição não muda (o que se afirma sobre Pedro, Joana ou os professores sindicalizados), mas a força argumentativa, retórica desse conteúdo fica enfraquecido sem o operador.



Acompanhe a análise de novos exemplos:

O mercado no Brasil para pesquisadores apresenta poucas perspectivas de absorção de uma demanda crescente. *Até* doutores abandonam o país em busca de oportunidades de trabalho em centros de pesquisa.

Comentário → Na defesa da ideia de que está difícil o trabalho para o pesquisador brasileiro, o autor traz um argumento que, numa escala argumentativa, está no topo, isto é, é de se esperar que doutores, profissionais com alta qualificação, não tivessem dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Essa é a interpretação que o autor leva o leitor a fazer, por isso é retórico, argumentativo, ele nos conduz a que cheguemos, enquanto leitores, a essa conclusão, e não outra.

Uma antena parabólica com 5 metros de diâmetro pode chegar bem longe e captar o sinal de *pele menos* seis satélites, com a programação de emissoras norte-americanas, soviéticas, britânicas e argentinas, entre outras.

Comentário → Note aqui que o argumentador utilizou *pele menos* para delimitar o mínimo de vantagens, deixando em aberto a quantidade máxima de captação da antena.

O hábito da leitura converte-se em um poderoso aliado na produção de textos. Os bons leitores *e até* leitores menos assíduos sabem que essa prática é um poderoso auxiliar no momento em que necessitam redigir um bom texto. Esse é o caso da redação no vestibular. A leitura *não só* aumenta o poder de argumentação do candidato, *mas também* lhe oportuniza a exposição a textos bem construídos, o que lhe viabiliza um conhecimento na hora de construir o seu próprio texto. *Embora* esse conhecimento não assegure, necessariamente, um bom desempenho na produção, *pele menos* possibilita a familiaridade com a escrita, uma prática que, infelizmente, não faz parte do cotidiano da maioria dos jovens brasileiros.

Comentário → No fragmento acima, quantos argumentos foram utilizados na defesa da tese de que a leitura auxilia na produção de textos? Se atentarmos para os operadores, fica mais fácil responder, além de eles nos mostrarem a articulação desses argumentos no texto.

Inicialmente, o produtor trouxe o testemunho dos bons leitores (o que é esperado) e introduziu o inesperado (*até* leitores menos assíduos), o que é muito argumentativo. Com os operadores *não só... mas também*, acrescentam-se dois novos argumentos, que se somam na defesa da tese de que a leitura auxilia na redação. Prevendo uma contra-argumentação, o produtor, usando embora, adianta-se e introduz um argumento que contraria sua tese, minimiza-o através da concessão e com isso diminui a sua força de contra-argumento. Com o operador *pele menos*, o argumentador introduz a vantagem mínima, mas com a qual todos concordam, que sempre ler implica contato (familiaridade) com a escrita.

2 Os Modalizadores

O produtor do texto, ao manifestar sua posição, pode deixar no texto marcas que denunciam um maior ou menor grau de comprometimento com o que declara. Essas marcas são os **modalizadores**. Assim, ele pode situar seus enunciados em torno de dois eixos básicos: o do CRER e o do SABER.

2.1 Modalizadores do Eixo da Possibilidade

O eixo do CRER (**eu creio, é possível, é provável, talvez, há possibilidade de que, supõe-se que**) imprime um caráter democrático ao texto; o autor não impõe sua opinião (ou, estrategicamente, induz o leitor a crer que não o faz), deixando a escolha para o leitor/ouvinte de aceitar ou não os seus argumentos, aderir ou não à sua tese. Situa-se o texto no campo da polêmica, da probabilidade, da possibilidade, do desejo.

2.2 Modalizadores do Eixo da Certeza

O eixo do SABER (**eu sei, é verdade que, é certo que, com certeza, sem sombra de dúvida,...**) imprime um caráter autoritário ao texto, o produtor procura manifestar um saber e conduz o leitor a aceitar como verdadeira a sua argumentação. Situa-se o texto no campo da necessidade, da certeza, do imperativo, das normas.

Certas escolhas linguísticas indicam o grau de comprometimento com o que se afirma, como, por exemplo, modos e tempos verbais, determinados verbos ou auxiliares modais (dever, poder, querer, precisar), advérbios (certamente/possivelmente), orações substantivas (sabe-se que/supõe-se que). Esse grau de comprometimento distribui-se ao longo de um *continuum*, que vai da mais absoluta certeza à possibilidade mais remota.

Considere os exemplos, retirados de um texto de Luciano Alabarse, publicado em ZH de 26/02/09, que causou grande repercussão no estado. Perceba como o autor emprega os modalizadores para expressar sua atitude (certeza ou possibilidade) em relação ao que afirma acerca da atual situação política do estado.

a) A irracionalidade humana **parece** ter encontrado no nosso Estado um campo propício para seu desenvolvimento incontrolável.

b) O Rio Grande do Sul, hoje, me **parece** atrasado em quase tudo.

c) O mais perigoso é, **sem dúvida**, a atual indiferença em relação aos nossos líderes. Como se todos fossem farinha do mesmo saco. **Tenho certeza** de que não são.

d) **É possível acreditar** que os homens e mulheres de bem do Rio Grande do Sul coloquem suas diferenças pessoais em segundo plano para pensar nos interesses reais do Estado? Ainda **acredito** que sim.

3 Os Índices de Avaliação

Existem, no texto, marcas deixadas pelo produtor que revelam os seus sentimentos, a valoração atribuída à determinada ideia ou tese, a sua aprovação ou reprovação, a sua concordância ou discordância, enfim, a sua avaliação. Essas marcas são os *índices de avaliação*.

(a) **Em boa hora**, o Ministério da Educação lança a campanha de estímulo à leitura.

(b) Os brasileiros têm o direito e devem explorar os recursos naturais. O que está sendo feito, contudo, é **a mais pura e definitiva demência**. Infelizmente, para quem a pratica é absolutamente indiferente à possibilidade de que a Amazônia possa se transformar num deserto. Sua esperança é de que, até lá, já estejam mortos e, bem antes disso, ricos. **Pobres de nós**. (*O futuro da Amazônia e o dos brasileiros*, Editorial, Zh, 31/08/88)

(c) **É louvável** o empenho de muitos educadores que promovem atividades para estimular o gosto pela leitura, apesar das **precárias** condições das nossas bibliotecas escolares.

(d) **É difícil** para o magistrado avaliar isso. Mas é bom lembrar que o processo criminal começa pela polícia, passa pelo Ministério Público e termina com a sentença do juiz. A atuação policial merece uma **grave** reflexão por parte daqueles que desejam uma polícia respeitadora de seus limites constitucionais. Uma polícia que pautar seu comportamento pelo respeito à ordem constitucional é uma polícia que pode representar um papel da maior importância num processo de investigação penal. Mas, infelizmente, não é isso que sempre acontece. A polícia, em muitas ocasiões, trabalha **mal** e emprega meios ilícitos de investigação, como a tortura. Além de **intolerável**, isso não tem valor nenhum. A tortura é a negação **irracional, imoral, criminosa e arbitrária** dos direitos da pessoa humana.” (...)

(José Celso de Mello Filho, Veja, 05/05/97)

4 Outros Marcadores

Além dos operadores lógicos, dos argumentativos, dos modalizadores e dos índices de avaliação, a *seleção lexical* e os *pressupostos* são importantes marcas da argumentação.

O que é seleção lexical? E pressupostos?

4.1 Seleção Lexical

As escolhas do léxico denunciam o posicionamento de quem escreve frente ao fato, a ideia, à opinião apresentada. Essas escolhas se concretizam através da adjetivação, nominalização, nomes abstratos indicativos de qualidades, verbos que concretizam julgamentos, juízos, e assim por diante. A essas escolhas chamamos seleção lexical. Veja, nos exemplos a seguir, a contribuição de algumas palavras para o produtor expressar enfaticamente sua posição.

(a) A atual política econômica *corrói* os sonhos da classe média, que se vê *encurralada* pelo custo de vida, pela mensalidade das crianças na escola, pelo limite na conta bancária, enfim, pela *vida programada em prestações*.

(b) A *morte* das mais promissoras iniciativas nas *engrenagens emperradas* dos órgãos públicos não é novidade para ninguém.

4.2 Pressupostos

O emprego de *pressupostos também* é um poderoso recurso argumentativo. Detectá-los num texto é possível pela recuperação das marcas linguísticas que os denunciam e/ou por uma leitura atenta.

A estratégia argumentativa utilizada com o pressuposto é a de negar ao leitor o direito, o questionamento da informação ou juízo pressuposto; pode-se negar o explícito, os argumentos expostos, e não o que está pressuposto.

(a) A *atual* administração municipal *começou a* investir na Saúde. A construção de 500 casas populares *deve se tornar* uma realização. Além disso, a melhoria da rede de esgotos *tornou-se* prioridade do Executivo. Passou a campanha, passaram as promessas, *mas* as obras estão sendo feitas.

(b) A *atual* administração municipal *parou de investir* na Saúde. É necessária a *reativação* do mutirão para se construírem casas populares. Além disso, a melhoria da rede de esgotos *deve tornar-se* prioridade para o Executivo. Passou a campanha, passaram as promessas, *mas* o discurso está longe de se tornar realidade.

4.3 Quantificadores

A recorrência à *quantificação* é também um útil recurso argumentativo. Indicar que *todos, nenhum, muitos, poucos, a maioria, a minoria, grande parte, ao menos alguns* aceitam ou recusam uma tese, concordam ou discordam deste ou daquele argumento imprime à argumentação credibilidade, veracidade, confiabilidade, o que contribui para se obter a adesão do leitor/ouvinte.

(a) A *maioria* dos entrevistados é contra a legalização da maconha.

(b) O estudo apresenta argumentos poderosos: em *nenhum* lugar onde é aplicada, a pena de morte mostrou-se capaz de reduzir a criminalidade.

(c) *Alguns* pais discutem o assunto com seus filhos; *outros*, sem saber bem como agir, deixam suspensos os seus próprios temores para a próxima conversa, porém a *grande maioria* ainda acredita que seu filho jamais se envolverá com drogas.

4.4 Sinais de Pontuação

O uso retórico dos *sinais de pontuação* constitui um eficaz recurso no destaque de ideias, opiniões, argumentos. O emprego de aspas, travessões, pontos de interrogação, parênteses, entre outros, imprimem vigor expressivo e argumentativo ao texto.

(a) Existe algo ainda mais cruel que os gases venenosos. São as armas biológicas – bactérias para matar o inimigo de doença.

(b) Fechado para balanço (de quadris).

Comentário → Este é o título de um texto de Augusto Nunes, publicado na época do Carnaval. Entre o final do ano e o início do novo ano, muitas empresas suspendem suas atividades para fazer seu balanço comercial. Daí a criatividade do cronista ao implicar o país como uma grande empresa que “fecha para balanço” durante o Carnaval.

(c) Isso é Rima. Uma linha de impressoras com durabilidade para aguentar uma longa vida.
De trabalho.

Comentário → O exemplo (c) ilustra um uso do ponto final conhecido como emprego do ponto argumentativo. Por que esse nome? Repare que, gramaticalmente, o ponto está no lugar da vírgula, já que *De trabalho* é um termo da oração anterior. Expressiva e argumentativamente, porém, o ponto destaca esse termo. Chama atenção para essa informação.

(d) Mas temos de admitir que certos sinais, como, por exemplo, a vírgula, esta pequenina serpente que, de espaço em espaço, atravessa o caminho, sempre acidentado, de nossa frase, é uma evidência, não muito clara, decerto, mas evidência, sim, de nossa indecisão. (...) Deu tanta confusão que nas edições seguintes tive de tirar os parênteses (para escapar dos parênteses, só mesmo assim, em novas edições. Lamentável é que a vida tenha uma única edição. Muitas vezes esgotada. Muitas vezes entre parênteses).

(Moacir Scliar, *A vida entre parênteses*)

Comentário → Perceba como Scliar, criativamente, apresenta suas reflexões com o auxílio dos sinais de pontuação. Repare no título da crônica.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, D.B.L. (Org.). **Perspectivas em Análise Visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008.

AZEREDO, José Carlos. **Fundamentos de Gramática do Português**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikahil. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2000.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

DIONÍSIO, ANGELA Paiva, MACHADO, Ana Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais & Ensino**. 3ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **A redação pelo parágrafo**. Brasília, Ed. da UNB, 1995.

FIORIN, José Luiz & PLATÃO SAVIOLI, Francisco. **Para entender o texto: leitura e redação**. 6 ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. **Lições de texto: leitura e redação**. 6 ed. São Paulo, Ática, 2006.

GARCIA, Othon. **Comunicação em prosa moderna**. 12 ed. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1985.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Argumentação e linguagem**. 3 ed. São Paulo: Contexto,

KOCH, I. W. & TRAVAGLIA, L.C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.